

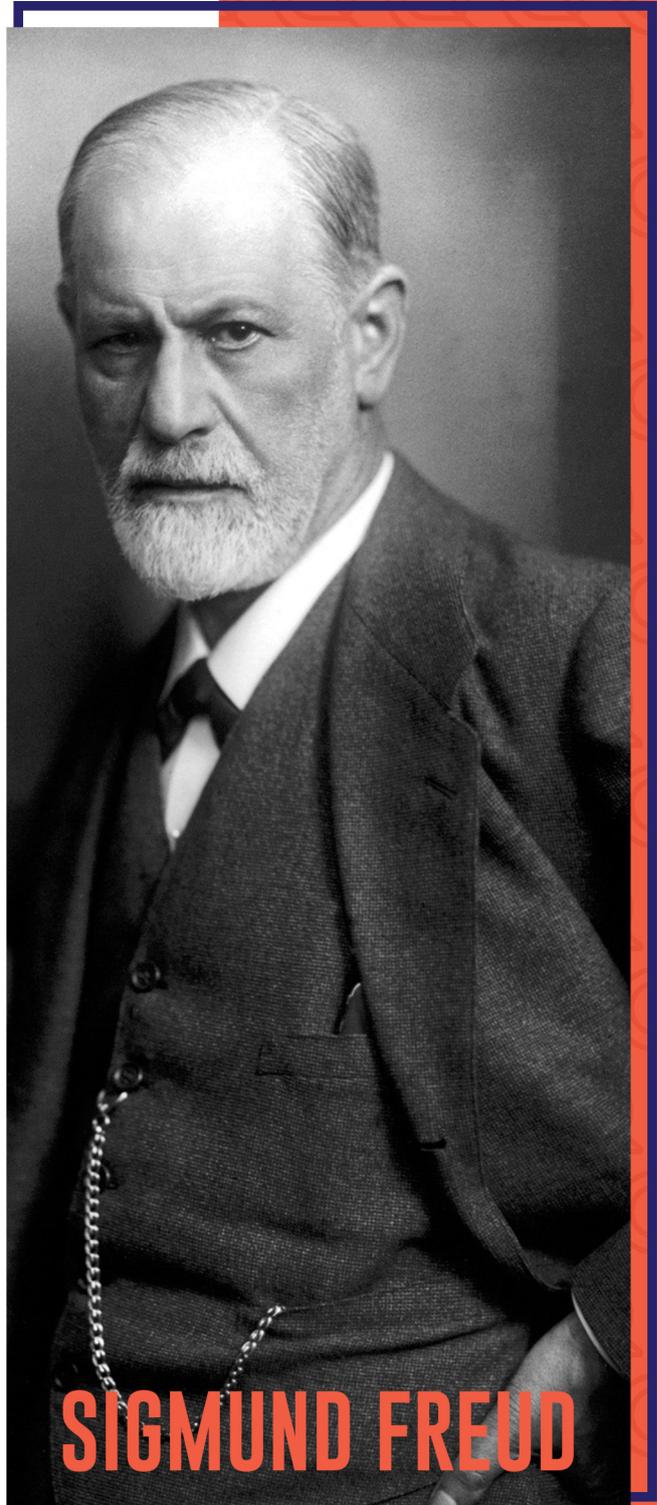


INSTITUTO BRASILEIRO
DE PSICANÁLISE

**CURSO EAD DE FORMAÇÃO
EM PSICANÁLISE**

MÓDULO 2

**FREUD, SONHOS, INTERPRETAÇÃO
VERSÃO 2021**



SIGMUND FREUD

Ficha técnica

IBRAPSI - INSTITUTO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE

Fundadores: Solano Aquino e Vitor Pinheiro

CURSO EAD DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE

Coordenador de Pesquisa: Francisco Antunes

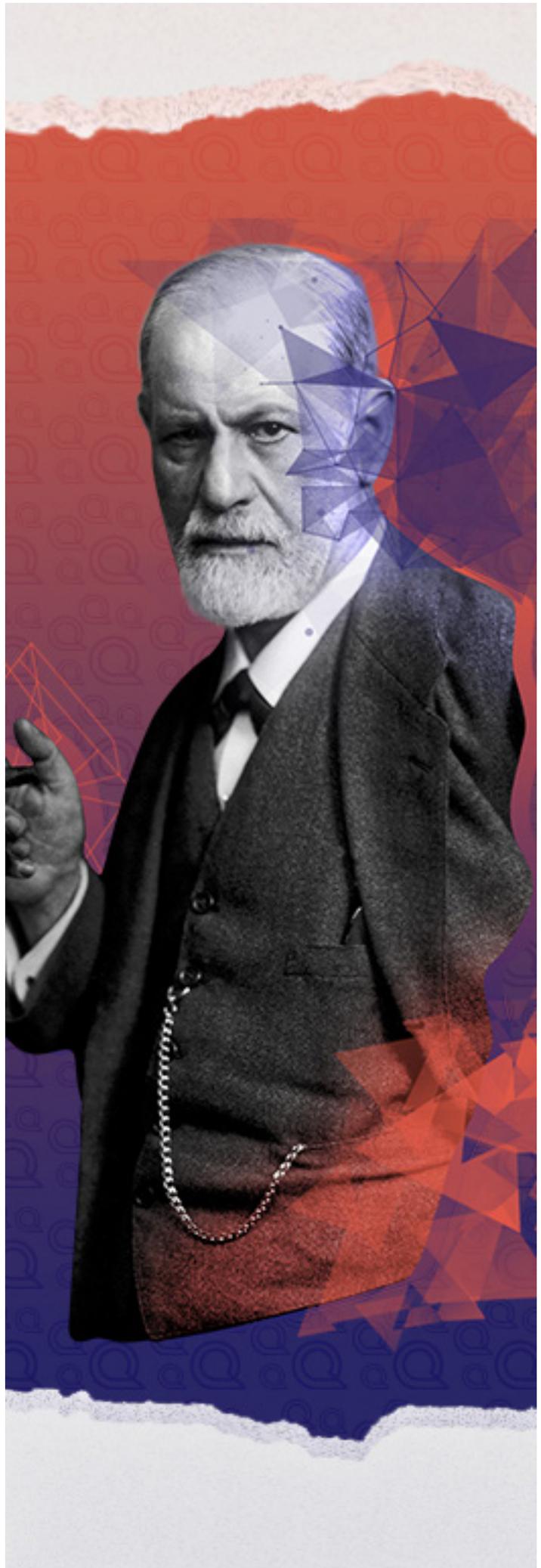
APOSTILA DO CURSO DE FORMAÇÃO

Módulo 2 - Freud, Sonhos, Interpretação

Concepção e Redação Final da Apostila: Rafael Duarte Oliveira Venancio

Sumário

1. Boas-vindas
2. Construção de um livro, entendendo o inconsciente
3. O método freudiano de interpretar os sonhos
4. Jung e a sua versão de “como interpretar os sonhos”
5. Recapitulando...
6. Para saber mais
7. Referências bibliográficas





Boas-vindas

Prezado(a) aluno(a), bom vê-lo(a) novamente!

Esta é a segunda apostila do seu curso EAD de Formação em Psicanálise pelo Instituto Brasileiro de Psicanálise (IBRAPS). Ela representa todo o conteúdo escrito do segundo módulo e deve ser lida junto com as videoaulas que acompanham o módulo. O texto e os vídeos se complementam, cada um dando uma perspectiva sobre o mesmo assunto.

Neste segundo módulo, falaremos da primeira base de ação da Psicanálise: a “interpretação dos sonhos”, nome dado ao título do livro de Sigmund Freud que funda este campo do saber. Falaremos de conceitos vinculados ao sonho e do início de outros que embasaram reflexões posteriores da Psicanálise.

Assim, nesse módulo, falaremos da importância do inconsciente e dos sonhos para a compreensão clínica e cultural que a Psicanálise busca fazer do ser humano. A apostila se encerra com dicas de alguns livros para quem quiser se aprofundar ainda mais no assunto.

Lembrando sempre que este é apenas o pontapé inicial de todo um caminho formacional, mas também pretende ser completo. Queremos que este seja o começo da sua compreensão da Psicanálise como uma nova visão de mundo, de uma possibilidade de compreensão do humano na clínica (como psicanalista terapeuta), mas também em diversos ramos do saber.

Neste ano de 2021, onde foi comemorado os 165 anos do nascimento de Sigmund Freud no meio do contexto de uma reviravolta social por causa da pandemia da COVID-19 e das mudanças das formas de relacionamento social, afetivo e produtivo, a Psicanálise passou a ser mais procurada e mais compreendida como necessária. Não estamos falando apenas daquela ideia do divã que permeia nosso imaginário sobre a Psicanálise, mas também de uma visão de mundo que nos ajuda em casa, no trabalho e na sociedade.

Uma boa leitura e bons sonhos para vocês interpretarem!

Prof. Dr. Rafael Duarte Oliveira Venancio
Instituto Brasileiro de Psicanálise (IBRAPS)



1. Construção de um livro, entendendo o inconsciente

Na apostila do primeiro módulo do curso de formação em Psicanálise do Instituto Brasileiro de Psicanálise, mencionamos que as reflexões de Sigmund Freud sobre a histeria, contrastando-se com seu colega Breuer, abriu espaço para o nascimento da Psicanálise com *A Interpretação dos Sonhos*.

A questão da histeria e do método de análise e tratamento delas e de outras dores psíquicas não era mais uma questão do método e do funcionamento catárticos. Freud inicia, então, a construção da metapsicologia (os conceitos fundamentais e as teorias de funcionamento psicodinâmico) que montará a Psicanálise. Assim, apesar dos “sonhos” estarem no título do livro fundante da Psicanálise, é a repressão a principal chave de leitura psicanalítica.

“A teoria da repressão tornou-se o pilar da compreensão das neuroses. A tarefa da terapia teve de ser concebida de outra forma, seu objetivo não era mais ‘ab-reagir’ o afeto que enveredara por vias erradas, mas sim desvendar as repressões e substituí-las por operações de julgamento que poderiam resultar na aceitação ou rejeição do que fora repudiado. Considerando esse novo estado de coisas, não mais chamei de catarse o procedimento de investigação e cura, e sim de psicanálise. Pode-se partir da repressão, como de um centro, e pôr em relação com ela todos os elementos da teoria psicanalítica.”¹

1 FREUD, S. “Autobiografia”. In: *Obras Completas volume 16*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 106-107.

Como Freud chegou à Psicanálise através dos “sonhos” a partir da “repressão”?

Bom, vamos lembrar como a repressão funciona:

1. Freud, a partir da sexualidade, nota uma psicodinâmica humana manifestada entre duas forças: ‘instinto’ [pulsão] e ‘resistência’, ambas de origem sexual;
2. Essas duas forças lutariam entre si por algum tempo, com forte participação da consciência, até que o instinto fosse rechaçado, sendo retirado o investimento de energia de sua tendência. Esta seria a condição normal no humano;
3. Nas neuroses (e a histeria é uma delas), o conflito tem outro desfecho. O instinto é interpretado como algo repulsivo, sendo barrado seu acesso à consciência e à descarga motora direta, mas este conserva seu pleno investimento de energia. Esse processo é denominado por Freud como “repressão”, uma descoberta científica para a época;
4. A repressão montava um mecanismo de defesa primário, comparável a uma tentativa de fuga, um julgamento condenatório;
5. Isso levaria o Eu (a consciência humana) a se proteger do contínuo assédio do impulso reprimido em um lugar “sem acesso consciente” (o inconsciente humano), mediante um “contrainvestimento” de energia;
6. Na histeria de conversão, essa outra via conduz à somatização, criando sintomas tais como os experimentados pelas histéricas de Charcot e por Anna O;
7. Os sintomas são apenas satisfações substitutivas, mas deformadas e desviadas de sua meta pela resistência do Eu do paciente;

No entanto, a neurose só se manifestará nesses tipos de sintomas? Não haveria outras manifestações possíveis? Para responder a isso, era necessário entender o que seria este lugar onde o impulso reprimido era mantido “sem acesso consciente”, ou seja, o inconsciente humano.

A ideia do inconsciente assim concebido por Freud impunha um desafio para a época e para toda a tradição da Filosofia da Mente que fora explicada anteriormente no módulo um do curso de formação do Instituto Brasileiro de Psicanálise (IBRAPSI). Em sua autobiografia, Freud faz um relato dos problemas que esta consideração da repressão - logo, também sobre o inconsciente - impactaria sobre toda uma concepção já estabelecida sobre o que seria a mente, o psíquico, no ser humano:

“O estudo das repressões patogênicas e de outros fenômenos que ainda abordaremos fez a psicanálise levar a sério a noção do ‘inconsciente’. Para ela, tudo psíquico era primeiramente inconsciente, a qualidade de consciência podia juntar-se a esta ou permanecer ausente. Naturalmente isso se deparou com a objeção dos filósofos, que consideravam ‘consciente’ e ‘psíquico’ idênticos e afirmavam não imaginar um absurdo como ‘inconsciente psíquico’. Mas não houve jeito, foi preciso ignorar essa idiossincrasia dos filósofos (...). Era possível sustentar que apenas se estava fazendo com a própria vida psíquica o que sempre se havia feito em relação à de outras pessoas. Afinal, também atribuímos atos psíquicos a outra pessoa, embora não tenhamos consciência imediata deles e

precisamos imaginá-los a partir de suas palavras e ações. O que é certo para o outro deve ser válido também para nossa própria pessoa (...).

A questão de “o que é em si tal inconsciente” não é mais inteligente nem mais proveitosa do que a outra, anterior, de “o que é o consciente” (...) A psicanálise chegou a subdividir o inconsciente por ela admitido, a separá-lo em um pré-consciente e um inconsciente propriamente dito. (...) A subdivisão do inconsciente liga-se à tentativa de imaginar o aparelho psíquico como sendo composto de determinado números de instâncias ou sistemas, de cujas relações entre si falamos em termos de espaço, mas sem buscar nexos com a anatomia real do cérebro.”²

Assim, Freud pensou - em sua primeira Tópica do aparelho psíquico elaborada em *A Interpretação dos Sonhos* (1900) que seria reelaborada mais tarde na Segunda Tópica nos anos 1920 - em três espaços onde os processos ocorrem dentro da psique humana: o Consciente (Cs), o Pré-consciente (Pcs) e o Inconsciente (Ics).

Vamos compreender os três brevemente através das definições que Jean Laplanche e J-B. Pontalis dão para cada um:

“No sentido tópico, inconsciente designa um dos sistemas definidos por Freud no quadro de sua primeira teoria do aparelho psíquico. É constituído por conteúdos recalçados aos quais foi recusado o acesso ao sistema Pré-consciente-Consciente pela ação do recalque (...) Podemos resumir do seguinte modo as características essenciais do inconsciente como Sistema (ou Ics):

- a) Os seus “conteúdos” são “representantes” das pulsões;
- b) Estes conteúdos são regidos pelos mecanismos específicos do processo primário, principalmente a condensação e o deslocamento;
- c) Fortemente investidos pela energia pulsional, procuram retorno à consciência e à ação (retorno do recalçado), mas só podem ter acesso ao sistema Pcs-Cs nas formações de compromisso, depois de terem sido submetidos às deformações da censura;
- d) São, mais especificamente, desejos da infância que conhecem uma fixação no inconsciente”³

“Em ‘*A Interpretação dos Sonhos*’, o sistema pré-consciente está situado entre o sistema inconsciente e a consciência; está separado do primeiro pela censura, que procura barrar aos conteúdos inconscientes o caminho para o pré-consciente e para a consciência; na outra extremidade, comanda o acesso à consciência e à motilidade. Neste sentido podemos ligar a consciência ao pré-consciente; por isso Freud fala do sistema Pcs-Cs; mas, em outras passagens de ‘*A Interpretação dos Sonhos*’, o pré-consciente e aquilo a que Freud chama o sistema percepção-consciência (Pc-Cs) são francamente separados um do outro. (...) Freud submete a passagem do pré-consciente ao consciente à ação de uma “segunda censura”, mas esta distingue-se da censura propriamente dita (entre Ics e Pcs) na medida em que deforma menos do que seleciona, visto que a sua função consiste essencialmente em evitar a vinda à consciência de preocupações perturbadoras.”⁴

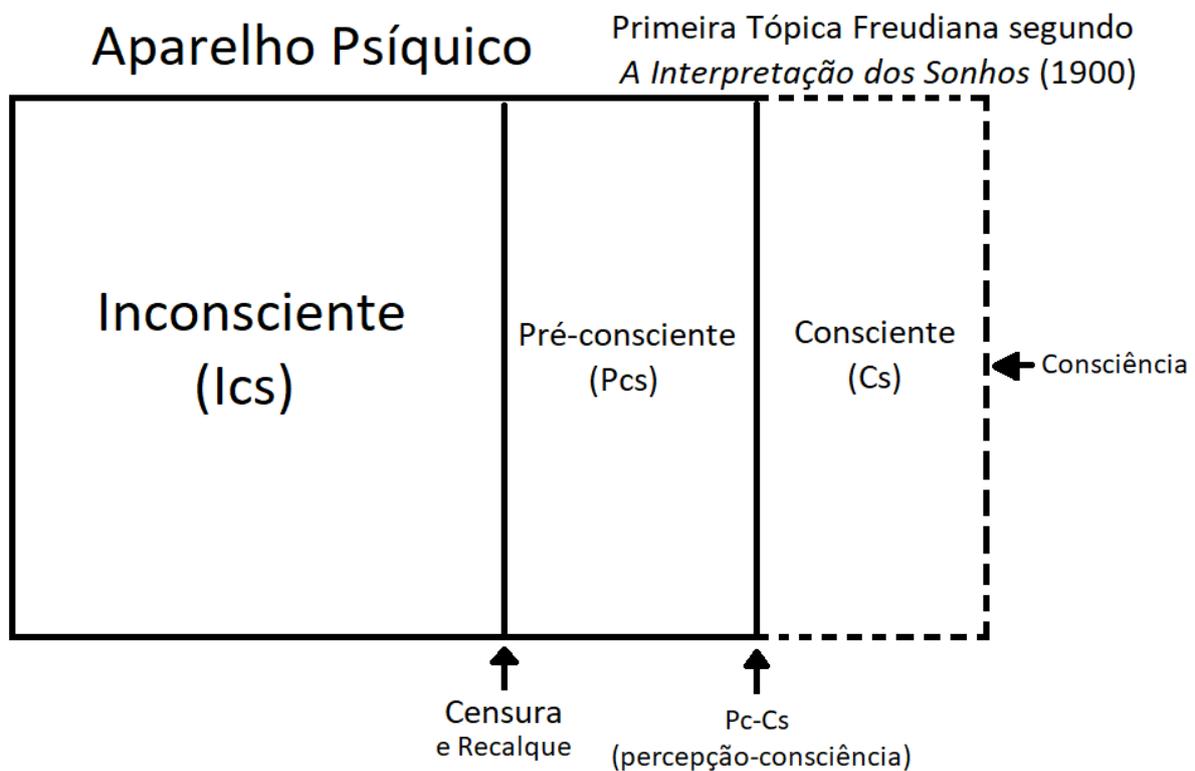
2 FREUD, S. “Autobiografia”. In: *Obras Completas* volume 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 108-110.

3 LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins, 1996, p. 235.

4 LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins, 1996, p. 350.

“A consciência seria função de um sistema, o sistema percepção-consciência (Pc-Cs). Do ponto de vista tópico, o sistema percepção-consciência está situado na periferia do aparelho psíquico, recebendo ao mesmo tempo as informações do mundo exterior e as provenientes do interior (...) Muitas vezes Freud liga a função percepção-consciência ao sistema pré-consciente, então designado como sistema Pré-consciente-Consciente (Pcs-Cs)”⁵

Em uma representação esquemática da Primeira Tópica, esses três sistemas (Inconsciente, Pré-Consciente e Consciente) e suas três fronteiras (Censura/Recalque; Percepção-Consciência e Consciência) estariam organizados assim:



Com a reformulação a partir dos conceitos introduzidos na Segunda Tópica nos anos 1920 (ego, superego, id), o Aparelho Psíquico ganhará um novo esquema, distinto do posto logo antes. O Aparelho Psíquico, normalmente e de maneira muito popularizada, será metaforizado na figura de um iceberg. Como isso não estava em jogo quando Freud escrevia *A Interpretação dos Sonhos*, deixaremos para explicar isso em detalhes na apostila do próximo módulo que será sobre Metapsicologia.

Para agora há uma questão a ser feita: dentro do mundo da Primeira Tópica (que para alguns psicanalistas freudianos é a única, por desconsiderarem o trabalho do pai da Psicanálise nos anos 1920 e 1930), como que funcionaria o mecanismo descrito anteriormente onde a repressão causa neuroses com seus sintomas e dores psíquicas, tal como a histeria?

⁵ LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins, 1996, p. 93.



detalhes no próximo módulo do curso de formação do Instituto Brasileiro de Psicanálise (IBRAPSI).

Aos poucos, em *A Interpretação dos Sonhos* e em trabalhos publicados logo depois tal como *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1904 na forma de livro, porém publicado em revista em 1901), Freud foi notando que as neuroses não precisariam apenas ser os grandes processos de neuroses de conversão (tal como a histeria) onde os sintomas eram incapacitantes (paralisias, contrações, entre outros), mas também indicariam outras dores psíquicas normalmente vistas como fenômenos de humor (tal como a melancolia, nome que antes era dado à depressão) ou de caráter (tal como as psicopatias postas no amplo conceito de “loucura”) ou mesmo como insatisfações diante dos desafios da vida.

Assim, Freud notou que o sintoma podia ser uma porta de entrada para o inconsciente. Na histeria, a hipnose e, depois, a associação livre ajudavam a encontrar a pulsão e pensar em sua realização ou desconsideração (rechaçamento). E nos outros casos? E nos casos que as pessoas acham que a dor psíquica é o “jeito” delas de ser?

Freud encontrou essa resposta olhando para si mesmo, para seus sonhos e para sonhos de pacientes que indicavam elementos de sexualidade que pareciam barrados em sua realização ou desconsideração. Mais do que pedir para o paciente contar a sua história (tal como fazia Anna O. para Breuer) de maneira consciente, o ato de rememorar um sonho de uma noite anterior ou que permanecia guardado na lembrança após anos de ter sido sonhado, parecia ser uma porta para o inconsciente, um sintoma tal como uma paralisia ou mutismo de uma histérica.

Assim, Freud entrava em uma tradição milenar que vê o sonho como uma espécie de mensagem a ser interpretada:

“Eles são mensagens, concordava Freud, mas não as esperadas pelo público leigo. Não revelarão seu sentido ao método corrente de atribuir a cada detalhe do sonho uma significação simbólica única e definida, ou à leitura do sonho como um criptograma a ser decifrado (...). Ao invés disso, [Freud] recomendava o método catártico de Breuer, conforme fora refinado e modificado pela sua própria prática: o sonhador deve empregar a associação livre, renunciando a costumeira crítica racional aos meandros mentais para reconhecer o sonho pelo que ele é - um sintoma”⁶

Esse sintoma é nada mais que a realização de um desejo. Do desejo posto pela pulsão que reside no inconsciente. Pulsão essa que foi barrada e os processos repressivos criam sintomas para “contrainvestir”. O sonho é um sintoma, uma realização de um desejo que foi barrado, mas que no sonho pode existir impedindo que a neurose se torne algo que afete a vida do humano que sonha.

6 GAY, P. Freud: *Uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 112.

Freud encontrará outros sintomas que possuem o seu lugar na vida cotidiana, tal como o “ato falho” (“ações que habitualmente o sujeito consegue realizar bem, e cujo fracasso ele tende a atribuir apenas à sua distração ou ao acaso”⁷) ou outros sintomas menores (tiques corporais, controle da micção e excreção). No entanto, o sonho possui uma centralidade vital para a Psicanálise. O próprio Sigmund Freud destaca isso em sua autobiografia:

“Assim como faz com a interpretação dos sonhos, a análise se serve do estudo dos frequentes atos falhos e ações sintomáticas das pessoas, a que dediquei uma pesquisa que apareceu em forma de livro em 1904, com o título de ‘Sobre a psicopatologia da vida cotidiana’. O conteúdo dessa obra, que foi bastante lida, é a demonstração de que tais fenômenos nada têm de casual, que transcendem as explicações fisiológicas, são significativos e interpretáveis e, por fim, autorizam a inferência de que remetem a impulsos e intenções contidos ou reprimidos. Mas o valor eminente tanto da interpretação de sonhos como desse estudo não se acha no amparo que dão ao trabalho analítico, e sim numa outra característica. Até então a Psicanálise se ocupava apenas da decifração de fenômenos patológicos e muitas vezes tivera que formular, para a sua explicação, hipóteses cujo alcance não era proporcional à importância do material tratado. Mas o sonho, que ela abordou naquele momento, não era um sintoma doentio, era um fenômeno da vida psíquica normal, podia ocorrer em qualquer pessoa sadia. Se o sonho é construído como um sintoma, se a sua explicação requer as mesmas hipóteses, as da repressão de impulsos instintuais, da formação substituta e de compromisso, dos diferentes sistemas psíquicos para situar o consciente e o inconsciente, então a psicanálise não é mais uma ciência auxiliar da psicopatologia, é antes o começo de uma nova e aprofundada ciência da mente, que também para a compreensão do normal se tornará indispensável. Seus pressupostos e resultados podem ser transferidos para outros âmbitos do funcionamento psíquico; acha-se aberto o caminho para o mundo, para o interesse universal.”⁸

Por isso, Freud coloca a máxima de que os sonhos são a estrada real para o Inconsciente. Na verdade, sem a descoberta da possibilidade de interpretação deles, sequer haveria Psicanálise.

7 LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins, 1996, p. 93.

8 FREUD, S. “Autobiografia”. In: *Obras Completas volume 16*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 131-132.

2. O método freudiano de interpretar os sonhos

Se pensarmos de uma maneira objetiva, o método freudiano de interpretar sonhos é posto em instruções bem simples:

“Tomando separadamente cada elemento do sonho (como no velho método de decodificação, assim explorado para finalidades científicas) e empregando-o como ponto de partida para a associação livre, o sonhador ou seu analista finalmente conseguirão desemaranhar seu significado. Freud declarava ter interpretado mais de mil sonhos seus e de seus analisandos com o uso de tal técnica. Disso extraíra uma lei geral: ‘O sonho é uma realização de desejos.’”⁹

No entanto, para desemaranhar esses sonhos, Freud declara em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), a necessidade de distinguir o que é manifesto pelo sonho e o que está escondido, latente. Nisso, se torna necessário entender como que os sonhos são formados para a psicanálise: o famoso “trabalho do sonho”.

Torna-se necessário esclarecer desde o início que o “trabalho do sonho” para a Psicanálise não é a mesma concepção da explicação neurocientífica e médica de como sonhamos. A psicanálise pensa, através do “trabalho do sonho”, na dinâmica do sonho na psique, na mente. A neurociência pensa o sonho pelo seu funcionamento cerebral. São duas visões distintas sobre a atividade onírica.

Na neurociência, o sonho se mistura com uma fase do funcionamento cerebral do sono: a REM (rapid eye movement, ou seja, movimento rápido ocular).

“A descoberta que a atividade onírica ocorre durante um estado neurofisiológico bem definido - o sono REM - domesticou um fenômeno que até então permanecia fugidivo. Tornou-se possível determinar com precisão em que momento uma pessoa está sonhando. Com isso, abriu-se o caminho para a compreensão das funções do sono e do sonho. (...) Hoje sabemos que o sono dos mamíferos possui duas grandes fases, caracterizadas por diferenças marcantes nos níveis de atividade cerebral. A primeira grande fase do sono ocorre principalmente na primeira metade da noite e se subdivide em três subfases de um adormecimento progressivamente mais profundo, chamadas em conjunto de sono não REM (NREM). A segunda grande fase - o sono REM - prevalece na parte final da noite. Um ciclo completo de sono humano dura cerca de noventa minutos e compreende uma sequência fixa de estados sucessivos: N1 -> N2 -> N3 -> sono REM. Esse ciclo se repete quatro a cinco vezes por noite até o despertar. (...) Os estados N1 e N2 são muito breves, quase durando entre cinco e vinte minutos. O estado N3 tem duração maior, mas seus episódios vão se encurtando ao longo da noite. O sono REM, por outro lado, ocorre no início da noite em episódios curtos que vão se alongando progressivamente até atingir a duração máxima no final da madrugada. Enquanto o primeiro episódio de sono REM da noite dura apenas alguns minutos, o último pode ultrapassar uma hora de duração. Os episódios de sono REM se tornam não apenas mais longos no transcorrer da noite, como também mais intensos. Aumento dos movimentos oculares [razão do nome REM para este tipo de sono], os espasmos musculares localizados e a vividez dos relatos de sonhos, vem como o aporte vaginal de sangue e as ereções penianas”.¹⁰

9 GAY, P. Freud: *Uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 112-113.

10 RIBEIRO, S. *O oráculo da noite: A história e a ciência do sonho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 138-139.

Todo esse funcionamento cerebral é provido por uma série de neurotransmissores que atingem o corpo inteiro a partir do cérebro. Isso possui impacto direto nas fases do sono e, até mesmo, nos sonhos:

“As enormes variações do conteúdo mental nas distintas fases do sono têm relação com variações correspondentes nos níveis de neurotransmissores. Quando uma pessoa está desperta, são liberadas em seu cérebro grandes quantidades dos neurotransmissores noradrenalina, serotonina, dopamina e acetilcolina (...). Esses neurotransmissores desempenham papéis importantes na modulação da atenção, emoção, motricidade e comportamentos motivados em geral. (...) Na passagem para o sono REM, os níveis de acetilcolina sobem fortemente, os de dopamina sofrem um leve aumento e os de noradrenalina e serotonina despencam a praticamente zero. O que tais alterações químicas têm a ver com a experiência de sonhar? (...) Variações nos níveis desses neurotransmissores bastariam para explicar cinco características fundamentais dos sonhos: enquanto (1) as emoções intensas e (2) as fortes impressões sensoriais seriam derivadas dos altos níveis de acetilcolina, (3) o conteúdo ilógico, (4) a aceitação acrítica dos eventos oníricos e (5) a dificuldade de lembrar-se deles ao despertar seriam resultados dos níveis quase nulos de noradrenalina e serotonina. (...) Não se trata de reduzir um fenômeno psicológico à biologia, mas de tentar compreender de que forma a interação química de células totalmente inconscientes gera a experiência subjetiva do sonho”¹¹

É exatamente essa explicação neurocientífica que explica o “trabalho do sonho” (a “experiência subjetiva do sonho”) mostrando a validade científica da Psicanálise. O neurocientista brasileiro Sidarta Ribeiro, fundador do Instituto do Cérebro da UFRN, mostra a atualidade científica de Sigmund Freud quando o assunto é entender como os sonhos são formados:

“A proposição freudiana de que o desejo é o motor do sonho é muito mais factual do que seus críticos admitem. A aparência poética provavelmente contribuiu para mascarar a precisão cirúrgica da hipótese, pois foram necessários cem anos de acúmulo de conhecimento sobre os mecanismos neurais da motivação até que a frase fizesse sentido biológico (...). Sonho “é” desejo porque ambos “são” dopamina. Essa conclusão tem relação com o fato de que a dopamina é essencial para a própria ocorrência do sono REM, como vimos anteriormente. O envolvimento do sistema dopaminérgico de recompensa e punição na gênese do sonho representa uma refutação solene ao ataque de Karl Popper a Freud: definitivamente a teoria psicanalítica é testável”¹²

Tendo visto a visão neurocientífica do sonho, vamos compreender o que ele é para Freud, bem como a sua teorização dinâmica do “trabalho do sonho”. O sonho é um sintoma passível de análise que é gerado no conflito entre pulsão e resistência. Ele possui um conteúdo manifesto (o sonho em si) e um conteúdo latente (o desejo que a pulsão queria realizar) e a sua passagem pelo aparelho psíquico, especialmente para o Pré-consciente é o “trabalho do sonho”. Assim, o trabalho do sonho é pegar o conteúdo latente (pulsional) e transformá-lo em manifestação (o sonho), sendo um sintoma passível de análise.

11 RIBEIRO, S. *O oráculo da noite: A história e a ciência do sonho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 139-140.

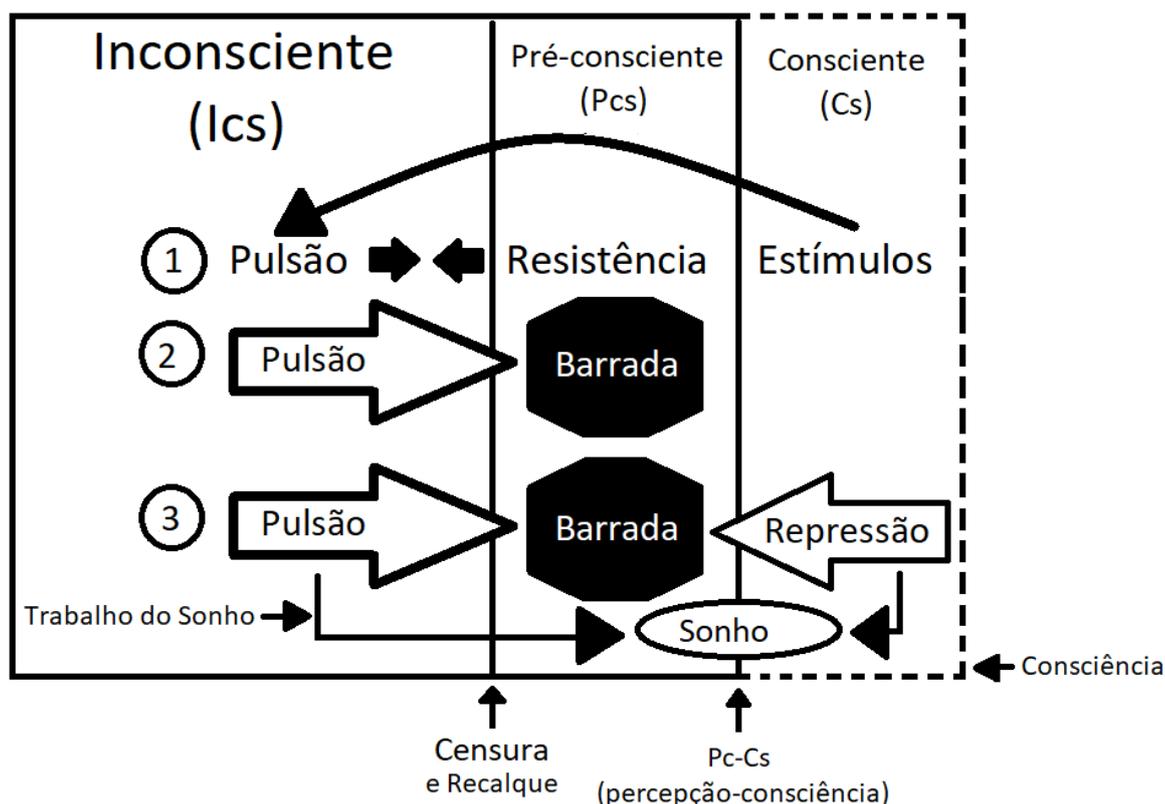
12 RIBEIRO, S. *O oráculo da noite: A história e a ciência do sonho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 261.

Vamos ver isso dentro do esquema que já apresentamos:

Aparelho Psíquico

Primeira Tópica

(Funcionamento dos Sonhos em qualquer humano)



Tal como Freud descreve em sua Autobiografia,

“O processo que, com a cooperação da censura onírica, transforma os pensamentos latentes no conteúdo onírico manifesto foi denominado ‘trabalho do sonho’. Ele consiste num peculiar tratamento do material de pensamento pré-consciente, em que as partes que o compõem são condensadas, as ênfases psíquicas são deslocadas, o todo é convertido em quadros visuais, dramatizado, e complementado por uma enganadora revisão secundária. O trabalho do sonho é um ótimo exemplo dos processos que se desenvolvem nas camadas profundas, inconscientes da psique, que diferem consideravelmente dos processos normais de pensamento que nos são conhecidos. Ele também mostra um bom número de traços arcaicos, como o emprego de um simbolismo - aqui predominantemente sexual”¹³

Assim, é verificado que o trabalho do sonho é composto por quatro partes sucessivas: (1) Condensação, (2) Deslocamento, (3) Figurabilidade ou Simbolismo; e (4) Dramatização e/ou Elaboração secundária. Não é um trabalho criador - quem cria os sonhos é o inconsciente pelas

13 FREUD, S. “Autobiografia”. In: Obras Completas volume 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 129.

pulsões. É um trabalho transformador, de latente para manifesto, sendo assim a essência do sonho essa transformação. Vamos ler as definições das quatro partes sucessivas na categorização freudiana feita por Laplanche e Pontalis:

“[Condensação é] um dos modos essenciais do funcionamento dos processos inconscientes. Uma representação única representa por si só várias cadeias associativas (...) Vemos operar a condensação no sintoma e, de um modo geral, nas diversas formações do inconsciente. Foi no sonho que melhor se evidenciou. Traduz-se no sonho pelo fato de o relato manifesto, comparado com o conteúdo latente, ser lacônico: constitui uma tradução resumida (...) Como um dos mecanismos fundamentais por que se realiza o “trabalho do sonho”, ela pode se realizar por diferentes meios: um elemento (tema, pessoa, etc) é conservado apenas porque está presente por diversas vezes em diversos pensamentos do sonho (“ponto nodal”); diversos elementos podem ser reunidos numa unidade desarmônica (personagem composta, por exemplo) ou ainda a condensação de diversas imagens pode chegar a atenuar os traços que não coincidem para manter e reforçar apenas o(s) traço(s) comum(ns)”¹⁴

“[Deslocamento é o] fato de a importância, o interesse, a intensidade de uma representação ser suscetível de se destacar dela para passar a outras representações originalmente pouco intensas, ligadas à primeira por uma cadeia associativa. Esse fenômeno, particularmente visível na análise do sonho, encontra-se na formação dos sintomas psiconeuróticos e, de um modo geral, em todas as formações do inconsciente (...) Freud não nega que possa haver deslocamentos em cada elemento de um sonho; mas, em ‘A Interpretação dos Sonhos’, utiliza a maior parte das vezes a palavra ‘transferência’ para designar na sua generalidade a passagem da energia psíquica de uma representação para outra, enquanto prefere designar por deslocamento um fenômeno descritivamente impressionante, mais acentuado em certos sonhos do que em outros, e que pode resultar numa total descentração do foco do sonho”¹⁵

“[Simbolismo ou Figurabilidade ou Representabilidade é a] exigência a que estão submetidos os pensamentos do sono; eles sofrem uma seleção e uma transformação que os tornam aptos a serem representados em imagens, sobretudo visuais. (...) Esta condição tem duas consequências: (1) (...) as articulações lógicas entre os pensamentos do sonho são eliminadas ou substituídas de modo mais ou menos feliz por formas de expressão [simbólica]; (2) orienta os deslocamentos para substitutivos figurados (...), um elo entre a noção abstrata e uma imagem sensorial (Exemplo: deslizar do termo ‘aristocrata’ para ‘altamente colocado [socialmente]’, suscetível de ser representado por uma ‘alta torre’)”¹⁶

“[Dramatização, também chamada de elaboração secundária, é a] remodelação do sonho destinada a apresentá-lo sob a forma de uma história relativamente coerente e compreensível. Tirar a aparência de absurdo e de incoerência do sonho, tapar os seus buracos, remanejar parcial ou totalmente seus elementos realizando uma escolha entre eles e fazendo acréscimos (...). Como a elaboração secundária é um efeito da censura (...) vamos vê-la em operação quando o sujeito se

14 LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins, 1996, p. 87-88.

15 LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins, 1996, p. 116-117.

16 LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins, 1996, p. 189.

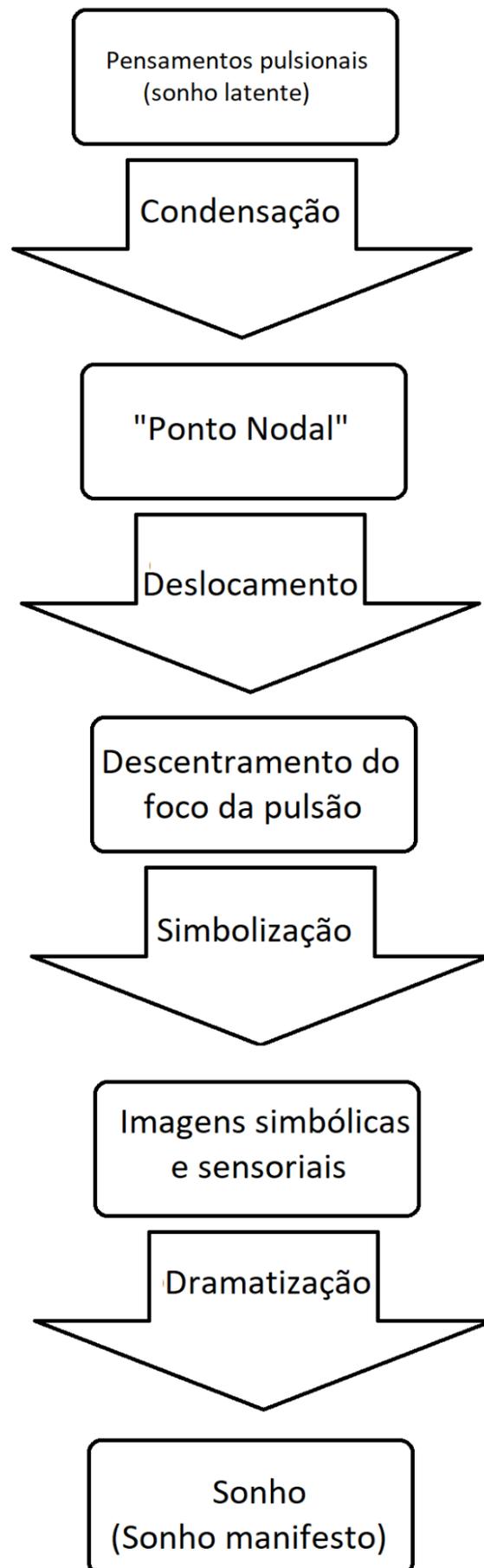
aproxima do estado de vigília e 'a fortiori' quando faz o relato do seu sonho."¹⁷

Enquanto condensação e deslocamento são mecanismos vistos em qualquer sintoma (atos falhos, devaneios, psicossomatizações corporais), a simbolização e a dramatização são próprias do sonho. Podemos assim ver o "trabalho do sonho" como um fluxo que leva uma pulsão ter seu investimento de energia desmobilizado e, de certa forma, realizado.

Este fluxo pode ser visualizado esquematicamente a seguir, onde os pensamentos do sonho, logo o conteúdo pulsional (o sonho latente) passa pelas quatro etapas até se tornar o sonho manifesto, o sonho que o humano sonha quando está dormindo.

17 LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins, 1996, p. 145.

"Trabalho do Sonho"



Um dos equívocos mais comuns do psicanalista é interpretar o sonho - junto com o analisando na clínica - referenciando mais a dramatização do que a simbolização.

A dramatização deve ser considerada um primeiro véu a ser retirado para que, na clínica dos sonhos, estejamos diante dos símbolos, estes sim passíveis de análise e interpretação, sendo um caminho para entender o conteúdo latente do sonho que foi alvo, tal como qualquer sintoma, de condensação e deslocamento.

E quais são esses símbolos - predominantemente sexuais - que encontramos no sonho e são passíveis de análise e interpretação? Freud, nas Conferências Introdutórias da Psicanálise (1916-1917), dá uma verdadeira aula sobre símbolos sexuais e não-sexuais que podem ser encontrados nos sonhos manifestos, indicando conteúdos latentes.

Sistematizamos essa aula de Freud, na tabela a seguir, de modo a facilitar os processos de livre associação diante dos quais o analista pode se encontrar no processo psicanalítico de interpretação dos sonhos com seus analisandos (e de seus próprios sonhos também).

É importante deixar claro que essa tabela - apesar de ter sido construída a partir da pesquisa científica de Freud - não é uma regra geral. Cada sonho é um sonho da mesma forma que cada humano é único. A ideia de Freud nas Conferências Introdutórias é mais inspirar e dar um embasamento do que dar um "manual de interpretação da simbologia dos sonhos". Como a própria máxima psicanalítica diz, "às vezes, um cachimbo é apenas um cachimbo".

Então, utilize esta tabela para sua formação e lembre-se sempre dos processos de livre associação e a dinâmica de fala e escuta na clínica psicanalítica. Siga o exemplo de Freud e pense também sobre os seus próprios sonhos, bem como leia material relacionado a psicanalistas que trabalham na pesquisa onírica após Freud, tal como Jacques Lacan, Ella Sharpe, Alexander Grinstein, James S. Grostein, entre outros.

Os sonhos aparecerão também nos módulos a seguir do seu curso de Formação em Psicanálise do Instituto Brasileiro de Psicanálise. Encare tudo que você está aprendendo aqui como o começo do seu "autorizar-se" psicanalista.

<u>Tópico/Símbolo</u>	<u>Significado por Freud</u>
O que pode ser simbolizado pelos sonhos?	<i>“Não é grande a extensão de coisas que podem encontrar no sonho representação simbólica. O corpo humano como um todo, os pais, os filhos, os irmãos, o nascimento e a morte, a nudez e ainda algumas outras.”</i>
Pessoa humana / Corpo humano	<i>“A única representação da pessoa humana como um todo (...) que se encontra com regularidade, é a sua representação como uma casa (...). Acontece nos sonhos de, às vezes com prazer, às vezes com receio, descermos pela fachada de uma casa. Aquelas fachadas que possuem paredes lisas são homens; as que apresentam saliências e sacadas, nas quais podemos nos segurar, são mulheres.”</i>
Os pais	<i>“Os pais figuram nos sonhos como imperadores ou imperatrizes, reis ou rainhas, ou então como outras figuras de respeito; o sonho é, nisso, bastante reverente”</i>
Irmãos e filhos	<i>“Menos afetuosos [o sonho] se revela no trabalho com filhos e irmãos, simbolizados por pequenos animais ou insetos”</i>
Nascimento	<i>“O nascimento quase sempre encontra representação relacionada à água; mergulha-se na água ou sai-se dela, resgata-se uma pessoa ou se é resgatado por ela; ou seja, tem-se com essa pessoa uma relação maternal”</i>
Morte	<i>“Partida, por uma viagem de trem”</i>
Estar Morto	<i>“Alusões obscuras, como que hesitantes”</i>
Nudez	<i>“Roupas e uniformes”</i>

18 Elaboração própria a partir de citações de FREUD, S. “Conferências Introdutórias à Psicanálise”. In: Obras Completas volume 13. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 204-213.

<p>Órgão genital masculino</p>	<p><i>“Para a genitália masculina de forma geral, tem importância simbólica acima de tudo o sagrado número 3 [o triângulo].</i></p> <p><i>(...)</i></p> <p><i>o membro masculino encontra substitutos simbólicos antes de mais nada naquelas coisas que lhe são semelhantes na forma, ou seja, compridas e verticalmente salientes, como bengalas, guarda-chuvas, estacas, árvores e coisas assim; além disso, em objetos que compartilham com o designado a propriedade de penetrar no corpo e ferir [tal como faz com o hímen na relação sexual], ou seja, armas pontiagudas de toda sorte, facas, punhais, lanças, sabres, assim como armas de fogo.</i></p> <p><i>(...)</i></p> <p><i>De fácil compreensão é também a substituição do membro masculino por objetos dos quais jorra água, como torneiras, regadores, chafarizes, ou por objetos capazes de alongar-se como luminárias suspensas, lapiseiras e assim por diante.</i></p> <p><i>(...)</i></p> <p><i>O fato de lápis, hastes para pena de escrever, lixas de unha, martelos e outros instrumentos serem símbolos sexuais masculinos inequívocos também se liga a um aspecto conhecido do órgão.</i></p> <p><i>(...)</i></p> <p><i>A propriedade notável do membro masculino que lhe permite ergue-se contra a força da gravidade, o que é parte do fenômeno da ereção, leva à sua representação simbólica mediante balões de ar, aviões e, mais recentemente, o dirigível de Zeppelin.</i></p> <p><i>(...)</i></p> <p><i>Entre os símbolos sexuais masculinos menos compreensíveis estão certos répteis e peixes, sobretudo o famoso símbolo da cobra.</i></p> <p><i>(...)</i></p> <p><i>Por certo, não é fácil explicar como foi que chapéus e casacos vieram a ter esse mesmo emprego.</i></p> <p><i>(...)</i></p> <p><i>O mecanismo impressionante do aparato sexual masculino faz com que toda sorte de máquinas complicadas o simbolizem”</i></p>
<p>Ereção / Excitação sexual</p>	<p><i>“O sonho, no entanto, conhece ainda outra forma, bem mais expressiva de simbolizar a ereção. Ela transforma o membro sexual no essencial da pessoa e a faz voar ela própria. Não se deixem impressionar com o fato de que os sonhos em que estamos voando, com frequência tão belos e tão conhecidos de todos nós, só possam ser interpretados como sonhos de excitação sexual geral.”</i></p>

Órgão genital feminino	<p><i>“A genitália feminina é representada simbolicamente por todos aqueles objetos que partilham sua propriedade de encerrar um espaço oco que pode abrigar alguma coisa dentro de si. Ou seja, poços, grutas e cavernas, assim como vasos e garrafas, caixas, latas, malas, caixinhas, caixotes, bolsas, bolsos e assim por diante. Barcos pertencem também a essa categoria.</i></p> <p><i>(...)</i></p> <p><i>Das partes do corpo humano, a boca representa a abertura genital.</i></p> <p><i>(...)</i></p> <p><i>A complicada topografia dos órgãos sexuais femininos torna compreensível que, com muita frequência, eles sejam representados como uma paisagem com rochas, floresta e águas.</i></p> <p><i>(...)</i></p> <p><i>Um símbolo digno de nota da genitália feminina é a caixinha de joias”</i></p>
Ventre materno	<p><i>“Outros símbolos guardam mais relação com o ventre materno que com a genitália feminina. Este é o caso dos armários, dos fornos e sobretudo dos quartos. O simbolismo do quarto resvala no da casa, com portas e portão a simbolizar a abertura genital”</i></p>
A mulher	<p><i>“Certos materiais também simbolizam a mulher como a madeira, o papel e os objetos compostos desses materiais, como a mesa e o livro. No que tange aos animais, ao menos o caracol e o marisco devem ser citados como símbolos femininos inconfundíveis.</i></p> <p><i>(...)</i></p> <p><i>No âmbito das edificações, temos a igreja e a capela”</i></p>
Seios	<p><i>“Encontram representação nas maçãs, nos pêssegos e nas frutas em geral.</i></p>
Pelos pubianos	<p><i>“Os pelos que recobrem a região genital de ambos os sexos, o sonho os descreve como um bosque ou matagal.”</i></p>
Pessoa amada	<p><i>“Joia e tesouro são, também nos sonhos, designações da pessoa amada”</i></p>
Prazer sexual	<p><i>“Doces são uma representação frequente do prazer sexual”</i></p>
Masturbação	<p><i>“A autossatisfação obtida com a nossa própria genitália é sugerida por todo tipo de atividade lúdica, inclusive tocar piano</i></p> <p><i>(...)</i></p> <p><i>Representações requintadas da masturbação são o deslizar e o escorregar, assim como o arrancar um galho”</i></p>
Castração como castigo pela masturbação	<p><i>“Queda ou extração de dentes”</i></p>
Ato sexual	<p><i>“Menos numerosas do que poderia esperar pelo que foi dito até aqui. Atividades rítmicas, como dançar, cavalgar, escalar, merecem menção, assim como experiências violentas, como ser atropelado. Além disso, simbolizam-no certos trabalhos manuais e, naturalmente [devido à simbolização da genitália masculina enquanto armas brancas e de fogo], a ameaça com armas”</i></p>

3. Jung e a sua versão de “como interpretar os sonhos”

A relação entre Freud e Jung - bem como a posterior divisão no campo da Psicanálise feita por freudianos (e correntes que se chamam assim tais como os kleinianos, bionianos, winnicottianos, lacanianos, entre outros) e junguianos - é um assunto que supera a formação inicial do analista. É um assunto que aborda decisões feitas ao longo de um século por diversos seres humanos e que, também, será feita por você que deseja se tornar psicanalista ou introduzir a psicanálise em sua vida. Falaremos mais disso em módulos posteriores.

No entanto, quando o assunto é Psicanálise e sonho, é impossível não falar do suíço Carl Gustav Jung. Mesmo que os consideremos fora da Psicanálise, como uma outra forma de psicologia (Psicologia Analítica para os psicólogos formados) ou psicoterapia (Análise Junguiana para os analistas leigos), os junguianos têm muito a oferecer neste campo pois a teoria de Jung, até mais que a de Freud e freudianos, é baseada na vivacidade dos sonhos.

Essa vivacidade dos sonhos para Jung, funcionando como conselheiros e compensadores do ser humano, - indo, assim, para um caminho diferente daquele posto pela função simbólica e de repressão individual que é vista em Freud - se centra na presença no sonho de dois conceitos que não existem para Freud, freudianos e outros psicanalistas: o inconsciente coletivo (em adição ao inconsciente individual teorizado por Freud) e o arquétipo.

“Freud atribuiu ao sonho o papel de guardião do sono, impedindo a irrupção de impulsos reprimidos (...). Em contraste, a posição de Jung é que o sonho compensa as visões limitadas do ego vígil (...). Na psicologia junguiana, o sonho é considerado um processo psíquico natural, regulador, análogo aos mecanismos compensatórios do funcionamento corporal (...). O inconsciente contém material esquecido, além de material como os arquétipos, que não podem, em princípio, ser conscientes (...). Existem três maneiras possíveis de se ver o sonho como atividade compensatória, sendo todas importantes para a compreensão usada pelo clínico. Em primeiro lugar, o sonho pode compensar distorções temporárias na estrutura do ego, dirigindo o indivíduo a um entendimento mais abrangente das atitudes e ações. Por exemplo, alguém que está furioso com um amigo, mas descobre que a fúria se dissipa com rapidez, pode sonhar que investe furiosamente contra o amigo (...). Um segundo e mais profundo modo de compensação é aquele em que o sonho, como auto-representação da psique, pode colocar uma estrutura do ego em funcionamento face a face com a necessidade(...). Um exemplo desse segundo tipo de compensação é o sonho de uma pessoa que estava muito bem adaptada socialmente (...). Ela sonhou que uma voz impressionante dizia: “Não estás levando a tua verdadeira vida!”. A força dessa declaração, que a despertou em sobressalto, durou por muitos anos (...). Existe um terceiro processo mais misterioso e sutil (...) [onde] o sonho pode ser visto como uma tentativa para alterar diretamente a estrutura de complexos sobre os quais o ego arquetípico se apóia, para a identidade em níveis mais conscientes”¹⁹

Para entender esse funcionamento de compensação descrito acima (ao contrário do funcionamento de repressão do trabalho do sonho em Freud), é necessário entender esse conceito-chave da metapsicologia de Jung: o arquétipo. Por sua vez, a compreensão do conceito de arquétipo na Psicologia Analítica de Carl G. Jung passa pela compreensão da noção central de inconsciente

19 HALL, J. A. *Jung e a Interpretação dos Sonhos: Manual de Teoria e Prática*. São Paulo: Cultrix, 2007, p. 30-32.

coletivo. Tal como conceitua o próprio analista suíço,

“Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos inconsciente pessoal. Este, porém, repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos inconsciente coletivo. Eu optei pelo termo “coletivo” pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são cum grano salis os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo”²⁰.

Enquanto o inconsciente pessoal é basicamente formado pelos “complexos de tonalidade emocional”, “os conteúdos do inconsciente coletivo, por outro lado, são chamados arquétipos”²¹. Para justificar a escolha do termo, que possui certa pertinência dentro de uma filosofia neoplatônica, Jung constrói o seguinte raciocínio:

“Archetypus é uma perífrase explicativa do eidos platônico. Para aquilo que nos ocupa, a denominação é precisa e de grande ajuda, pois nos diz que, no concernente aos conteúdos do inconsciente coletivo, estamos tratando de tipos arcaicos - ou melhor - primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos. O termo représentations collectives, usado por Lévy-Bruhl para designar as figuras simbólicas da cosmovisão primitiva, poderia também ser aplicado aos conteúdos inconscientes, uma vez que ambos têm o mesmo significado”.²²

Essa anterioridade do arquétipo foi - e ainda é - um dos pontos mais criticados na Psicologia Analítica. No entanto, a tais críticos, Jolande Jacobi possui uma resposta-síntese bem colocada sobre a condição a priori arquetípica.

“A comparação frequentemente lembrada com o eidos platônico, bem como a distinção até aqui negligenciada entre o “arquétipo em si”, imperceptível, e o arquétipo perceptível, “representado”, manifesto no espaço psíquico, levaram os arquétipos a serem vistos como uma espécie de “imagens prontas” herdadas, gerando numerosos mal-entendidos e polêmicas desnecessárias (...). Deve ser enfatizado que os arquétipos não são ideias herdadas, mas possibilidades de representação herdadas”²³

20 JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo (Obra Completa vol. 9/1)*. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 12

21 JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo (Obra Completa vol. 9/1)*. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 12

22 JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo (Obra Completa vol. 9/1)*. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 13.

23 JACOBI, J. *Complexo, arquétipos e símbolo na psicologia de C. G. Jung*. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 65-66.

Assim, a psicologia analítica se coloca em relação a tradição filosófica neoplatônica - desde a Antiguidade até Henri Bergson - mas também se demarca enquanto campo de pensamento psicanalítico, mesmo se distinguindo do pensamento de cultura proposto por Freud. A função do arquétipo neste binômio entre filosofia da mente/realidade e psicanálise é vista assim pela junguiana Jolande Jacobi:

[Os arquétipos] são por assim dizer, *eternels incréés* (como Jung também os chamava usando expressão de Bergson), que devem ser primeiramente consolidados, iluminados e “vestidos” pela consciência através de poder aparecer como “realidade material”, como “imagem” e, por assim dizer, nascer. Ainda que os encontremos em nós (como, por exemplo, nos sonhos) os arquétipos, tão logo nos conscientizemos deles, pertencem ao vívido mundo externo, pois daí que seus modos de manifestação extraíram a matéria em que eles “se revestem”²⁴

Que modos de manifestação seriam esses para além do mundo inconsciente dos sonhos? Jung possui uma resposta simples para esse questionamento: as narrativas primordiais.

“Os ensinamentos tribais primitivos tratam de arquétipos de um modo peculiar (...). Estes são uma expressão típica para a transmissão de conteúdos coletivos, originariamente provindos do inconsciente. Outra forma bem conhecida de expressão dos arquétipos é encontrada no mito e no conto de fada. (...) Sua manifestação imediata, como a encontramos em sonhos e visões, é muito mais individual, incompreensível e ingênua do que nos mitos, por exemplo. (...) O significado do termo *archetypus* fica sem dúvida mais claro quando se relaciona com o mito, o ensinamento esotérico e o conto de fada”²⁵

Assim, os arquétipos se tornam “fenômenos” quando postos em narrativa. Em seu trabalho, Jacobi correlaciona “narrativa” com a noção de “símbolo”, também usada de forma enfática, em um livro basilar da Psicologia Analítica (JUNG, 2016), pela letra junguiana:

“Pois, tão logo o conteúdo puramente humano-coletivo do arquétipo, que representa o material cru fornecido pelo inconsciente coletivo, entra num relacionamento com a consciência e com sua propriedade doadora de formas, o arquétipo adquire “corpo”, “substância”, “forma plástica” etc.; ele se torna representável e só então se torna uma imagem verdadeira - a imagem arquetípica, o símbolo. (...) Um símbolo nunca é completamente abstrato, mas sempre “encarnado”. (...) Foi esse poder da psique de criar imagens que, por exemplo, verteu o arquétipo de “luta entre a luz e as trevas, ou do bem e do mal” para um evento retratável como luta entre o dragão e o herói (um tema primordial de muitas cosmogonias); ou que traduziu o arquétipo da “ideia de morte e renascimento” para uma sequência representável da vida do herói ou também para o símbolo do labirinto, tornando-se o criador de uma série ilimitada de mitos, contos de fadas, fábulas, épicos, baladas, dramas, romances etc.”²⁶

24 JACOBI, J. *Complexo, arquétipos e símbolo na psicologia de C. G. Jung*. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 67.

25 JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo (Obra Completa vol. 9/1)*. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 13-14.

26 JACOBI, J. *Complexo, arquétipos e símbolo na psicologia de C. G. Jung*. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 92-94.

Desta forma, podemos pensar como se fosse uma moeda. De um lado, coroa, é o arquétipo. De outro lado, cara, é o símbolo. Eles são dissociáveis entre si, tendo apenas mudança de função diante do significado. Se na moeda, a “cara” indica o valor e a “coroa”, seu país (a currency, a “Moeda”), aqui o arquétipo pode ser a moeda onde a “coroa” é o arquétipo per se e a “cara” é o símbolo ou imagem arquetípica.

Assim, uma escolha, seguindo uma vertente junguiana, é tratar esse conjunto arquétipo em si e imagem arquetípica como “arquétipo”. E é nesse sentido que falamos de arquétipos postos em narrativa e, até mesmo, atualizados para o “sabor” do século XX e XXI.

Mas, você pode estar se perguntando: afinal, quantos arquétipos existem?

Este questionamento é um dos mais polêmicos dentro do legado junguiano. Jung descreve uma série de arquétipos e há, na atualidade, um convencionamento de um número fixo deles. Afinal, nas diversas listas que podemos encontrar em livros, sites e cursos - a maioria escritos por terapeutas holísticos, por especialistas em marketing e branding ou mesmo profissionais de coaching - há a indicação do número 12 como o número do total de arquétipos, lembrando aqui que o “12” é um número de central importância na astrologia e na alquimia, duas práticas místicas estudadas por Jung.

Não é o objetivo aqui discutir se tal lista de 12 arquétipos é legítima ou não dentro de um escopo da letra junguiana para aqueles que a usam enquanto prática psicanalítica. Assim, podemos dizer que, no limite, para nós não há um número definido de arquétipos, pois ao quantificá-los, estaríamos quantificando o próprio inconsciente que - seja para Jung, para Freud ou para Lacan - é inquantificável.

Podemos ir além e afirmar que, no limite, o próprio inconsciente - seja individual ou coletivo para seguir os termos propostos por Jung - é matéria em mutação, levando a surgir arquétipos em desdobramento de outros arquétipos, sendo que todos eles estariam desdobrados no limite, tal como o próprio Jung (2013) afirma, em relação ao arquétipo mais central de todos, o arquétipo da totalidade: o Selbst, traduzido como Self ou Si-Mesmo.

Tal como bem o junguiano Murray Stein resume, o Self ou Si-Mesmo é “o centro, fonte de todas as imagens arquetípicas e de todas as tendências psíquicas inatas para a aquisição de estrutura, ordem e integração”.²⁷ Afinal, tal como o próprio Jung afirma, “a psique inconsciente, no entanto, é, não apenas infinitamente velha, mas tem igualmente a possibilidade de evoluir rumo a um futuro igualmente remoto”.²⁸

Tendo isso em vista, vamos pensar como seria a técnica junguiana para trabalhar os sonhos nessa sua vivacidade. James A. Hall divide os ensinamentos de Jung sobre como atuar com os sonhos em uma sessão de análise em uma metodologia em três etapas progressivas:

“Há três etapas principais na abordagem junguiana da interpretação dos sonhos:

1. uma compreensão clara dos detalhes exatos do sonho;
2. a reunião de associações e ampliações em ordem progressiva, em um ou mais de três

27 STEIN, M. *Jung: o mapa da alma*. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 206.

28 JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo (Obra Completa vol. 9/1)*. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 286

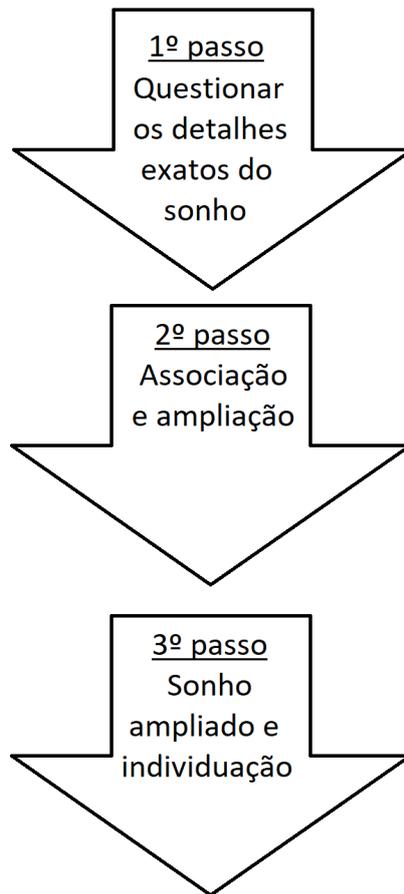
níveis: pessoal, cultural, arquetípico;

3. a colocação do sonho ampliado no contexto da situação vital e do processo de individuação da pessoa que teve o sonho ".²⁹

No diagrama a seguir, vamos entender como proceder nesta metodologia junguiana para interpretar sonhos na análise psicanalítica:

29 HALL, J. A. *Jung e a Interpretação dos Sonhos: Manual de Teoria e Prática*. São Paulo: Cultrix, 2007, p. 43.





O 1º passo seria, quando o analisando conta um sonho, questionar os detalhes exatos da lembrança dele. Nem que seja para pedir, mesmo que você já tenha notado tudo como um bom analista atento, que o seu analisando conte tudo novamente. O sonho precisa ter o máximo de material onírico para a próxima etapa. Além disso, o psicanalista precisa estar aberto para realizar a mediação necessária, ao se liberar das forças de sobredeterminação e sobreinterpretação (termos também trabalhos por Freud) que tornam o sonho vazio de possibilidade de uso na análise. O analista junguiano Robert Bosnak descreve bem o porquê disso:

“Minha primeira reação após ter ouvido um sonho é: “Não tenho a menor ideia do que o sonho queira dizer” (...). Se não reajo desse modo, se de repente sei precisamente do que se trata, então suponho que estou preso numa resistência, que para tornar o sonho inócuo me faz ter a impressão de tê-lo compreendido imediatamente.”³⁰

Já o 2º passo é o mais extenso, devendo ser repetido três vezes, uma para cada nível. A ideia é trabalhar a associação livre e a ampliação. Para os junguianos, a associação livre é uma herança de sua ligação com a Psicanálise freudiana. A abordagem do conceito é bem semelhante ao que já mencionamos na abordagem freudiana de interpretação dos sonhos.

Já a ampliação é um termo original, resultado de uma reflexão de Jung diante da técnica de associação livre onde as palavras do psicanalista parecem induzir respostas que demarcam uma estrutura do sonho. A indução de palavras não é uma marca da associação livre. Para Freud, o psicanalista deveria apenas escutar a fala do sonho, sem motivá-la (ou qualquer outra reação:

30 BOSNAK, R. *Breve Curso Sobre Sonhos: Técnica Junguiana Para Trabalhar com os Sonhos*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 33.

perguntar, concordar, retrucar...).

O analista suíço, por sua vez, nota que o psicanalista (que é um humano tal como o analisando), está em posição de diálogo no ato da interpretação do sonho. Logo, seria impossível para ele não comentar uma coisa ou outra. O uso de uma técnica de “comentários” - tal como o uso de associação de palavras ou “palavras indutoras” - poderia indicar padrões dentro de um sonho.

“Jung põe em evidência o fato de que as associações que assim se produzem [usando palavras indutoras] são determinadas pela ‘totalidade das ideias em relação a um acontecimento particular dotado de uma coloração emocional’, totalidade à qual dá o nome de ‘complexo’ (...). Complexo [é] o conjunto organizado de representações e recordações de forte valor afetivo, parcial ou totalmente inconscientes. Um complexo constitui-se a partir das relações interpessoais da história infantil; pode estruturar todos os níveis psicológicos: emoções, atitudes, comportamentos adaptados”³¹.

Para encontrar o complexo que é manifestado no sonho, a ampliação consiste na aplicação dessas “palavras indutoras” - de modo sistematizado ou de modo livre - para que os termos do sonho fiquem claros. Este sonho cheio de significados associados é o “sonho ampliado”, que será trabalhado no terceiro passo.

A ampliação deve ser feita três vezes.

Primeiro, em um nível pessoal. O analista informa ao analisando que quer a “opinião pessoal” dele sobre algumas imagens do sonho, vinculando com os fatos de sua vida. Esgotado isso, é passado para o segundo nível, o cultural. Tenta-se vincular fatos do sonho com o entorno social e histórico que o analisando vive.

Esses dois passos devem ser feitos para separar o arquetípico do “restos diurnos”, fatos objetivos vividos pelo analisando quando acordado nos dias anteriores ao sonho. Muitas vezes sonhamos com um “gato” não com o seu arquétipo, mas sim porque temos gatos em nossa casa ou mesmo vimos algum felino na rua em determinada situação. Sonhamos com acidente de avião porque teve algum dias atrás e vimos no noticiário. É tentar descobrir o que no sonho segue a velha máxima psicanalítica de que “às vezes, nos sonhos, um cachimbo é apenas um cachimbo”.

E, por fim, feito isso, podemos ampliar o conteúdo arquetípico. O estudo arquetípico é muito específico e demanda formação ampla do analista na abordagem psicoterapêutica que ele irá acionar. Muitas vezes, este nível é tentar entender o que parece de mais misterioso no sonho e que não há associações feitas em nível pessoal ou cultural.

Há analistas junguianos que trabalham neste último nível do segundo passo com a imaginação ativa, outra técnica de Jung. A imaginação ativa é a base para uma série de “mentalizações” e metodologias de meditação (mindfulness, por exemplo) que psicoterapias fora da psicanálise freudiana usam.

Ela consiste em solicitar que o analisando reentre em seu sonho através de sua imaginação. Um dos procedimentos mais comuns é de pedir que o analisando fique na posição mais confortável possível, de olhos fechados. O analista repete o mundo onírico para o analisando ou ele é instruído a repeti-lo até o momento do acordar do sonho que está sendo posto em análise (por exemplo, “Eu estou na rua. Eu vejo um gato. O gato olhou para mim e, curiosamente, latiu).

Chegando no momento que seria do “acordar”, o analisando é incentivado a interagir, por via de sua imaginação, com esses objetos dos sonhos, seja por pequenas sugestões ou por aviso prévio

31 LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins, 1996, p. 39 e 70.

antes da prática. Assim, neste exemplo, é pedido que o analisando se imagine interagindo com este gato que late, ampliando o sonho. O sonho ampliado através da imaginação ativa possibilita ver o arquetípico no complexo (ou algum processo profundo no inconsciente pessoal) melhor que a ampliação feita de maneira tradicional.

“A atividade de penetrar o mundo dos sonhos, por meio da consciência diurna, é uma disciplina da imaginação. Em contraste com o sonhar, passivo, durante o qual as imagens são simplesmente percebidas, nesta disciplina acontece a interação ativa com o mundo da imagem. As faculdades da memória são usadas ativamente para reconstruir a realidade do sonho (...). Essa arte é chamada ‘imaginação ativa’. (...) Na imaginação ativa você está consciente da natureza diversa das imagens que encontra, e assim mesmo trata essas entidades como “reais”. Parecem seres reais, que se comportam autonomamente, assim como as imagens do sonho se comportam de modo independente da imagem do Eu. A imaginação ativa supõe que, exatamente como no mundo dos sonhos, existam simultaneamente mais consciências e que a imagem do Eu possa estabelecer um contato (repetido) com essas entidades oníricas”³²

Conforme mencionamos, a imaginação ativa deve ser feita pelo analista após treinamentos, formações e vivências específicas. Por isso que ele não é posto como um recurso obrigatório na ampliação que compõe a metodologia junguiana de interpretação de sonhos.

No 3º e último passo, já com o sonho ampliado, é trabalhado o sonho dentro da ideia da individuação do Eu, outro conceito de Jung.

“Jung usou o termo individuação para falar sobre o desenvolvimento psicológico, que ele define como o processo de tornar-se uma personalidade unificada mas também única, um indivíduo, uma pessoa indivisa e integrada. A individuação inclui mais do que o projeto idealmente na primeira metade da vida, a saber, o desenvolvimento do ego e da persona. Quando isso é feito, uma outra tarefa começa a surgir, porquanto o desenvolvimento ideal de ego e persona deixou uma considerável soma de material psicológico fora do quadro consciente”³³

Jung compara a vida humana com o ciclo do dia. Existe a “manhã da vida” (do amanhecer ao meio-dia) onde nós nascemos, desenvolvemos o nosso eu consciente (ego), nossas máscaras sociais de interação (persona) e nos formamos para viver produtivamente com trabalho, família, amigos, lazeres, prazeres e dores. No entanto, quando se passa desse “meio-dia” da vida, há uma segunda fase, o “entardecer” que culmina no “pôr-do-sol” (a morte). É neste momento que começamos a apresentar certos desconfortos sobre o ego e a(s) persona(s) construídas, pois há algo de si-mesmo que não estão nelas. Assim, a individuação é a descoberta desse si-mesmo, a integração dele na vida consciente e a busca, assim, de completude em vida do ser humano.

Os sonhos são grandes indicadores do que está ficando de fora (na primeira fase da vida) ou do que ficou de fora (na segunda fase) na construção do ego e persona. Assim, a fase final da interpretação junguiana dos sonhos é a própria síntese da análise junguiana: usar o sonho para ajudar o analisando se descobrir e sentir-se completo e aceito por si-mesmo.

32 BOSNAK, R. *Breve Curso Sobre Sonhos: Técnica Junguiana Para Trabalhar com os Sonhos*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 44 e 47.

33 STEIN, M. *Jung: o mapa da alma*. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 156.

Devemos operar nestes três passos sempre que um sonho novo aparecer na atividade de análise e/ou clínica quando somos analistas junguianos. Essa é a própria essência do legado de Jung para a psicoterapia (e, porque não, para a Psicanálise que ele “deixou” ao brigar publicamente com Freud).

Vamos ilustrar esse caminho de interpretação junguiano dos sonhos com um exemplo nosso de análise e mentoria psicanalítica:

1. A analisanda disse que possui um sonho recorrente de que está voando, mas logo ela cai no chão;
2. É pedido que ela repita o sonho. Nota-se um detalhe adicional. Ela cai apenas quando começa a sentir que está confortável com o fato de estar voando;
3. O analista começa a utilizar palavras indutoras. Questiona-se o que é o voo e a queda. O que seria estar confortável com isso. Nota-se uma associação de palavras por parte da analisanda que são vinculadas ao mundo do trabalho dela (“fazer o que gosta”, “trabalhar com o que gosta”, “trabalhar com o que queria fazer quando criança”, “proibições financeiras”, “falta de dinheiro”);
4. No nível cultural, nota-se uma pressão do entorno sobre o trabalho ser recompensador. Autores de auto-ajuda e psicoterapias são citados;
5. No nível arquetípico, o misterioso fica na questão do “confortável”. O porquê de algo bom desencadear algo ruim. Questões de medo são expostas;
6. Trabalhando com o processo de individuação, nota-se uma vontade de fazer coisas que sejam “mais verdadeiras” para a analisanda no mundo de seu trabalho. No entanto, o conforto disso leva a quedas: o que ela gosta de fazer pagaria financeiramente menos do que seu trabalho atual. A individuação através do sonho da analisanda passa de ser o “sentir-se confortável com o voo” para o “sentir-se confortável com uma mudança de carreira”.

Veja o quadro a seguir com possíveis perguntas e sugestões que você, como analista, pode fazer na interpretação clínica caso utilize as técnicas de Jung:

<u>Passo</u>	<u>Possíveis perguntas e sugestões ao analisando</u>
1º Questionar os detalhes exatos do sonho	<ul style="list-style-type: none"> ● Não entendi. É possível repetir? ● Agora conte mais uma vez, tente lembrar de todos os detalhes. ● Tem algo mais que você gostaria de falar sobre seu sonho?
2º Associação e ampliação	<p>Nível individual</p> <ul style="list-style-type: none"> ● O que significa isso para você? ● Você já esteve em uma situação assim? ● Como você se sentiu com isso? <p>Nível cultural</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Você viu algo parecido com isso nas redes sociais ou na TV? ● Isso parece te dizer algo vinculado ao mundo (trabalho, escola, país)? <p>Nível arquetípico</p> <ul style="list-style-type: none"> ● O que você não consegue explicar no sonho? ● O que você queria entender do sonho?
3º Sonho ampliado e individuação	<ul style="list-style-type: none"> ● Tudo o que dissemos, você consegue vincular com sua vida? ● Há algo que você gostaria de fazer que tem relação com o sonho? ● Após todo esse percurso de falar do seu sonho, o que acha dele agora?

4. Recapitulando...

1. As reflexões de Sigmund Freud sobre a histeria, contrastando-se com seu colega Breuer, abriu espaço para o nascimento da Psicanálise com A Interpretação dos Sonhos;
2. Ver a histeria como uma neurose resultante de uma repressão fez a psicanálise levar a sério a noção de “inconsciente”;
3. Assim, era necessário entender a função do consciente e do inconsciente. A psicanálise chegou a subdividir o inconsciente por ela admitido em pré-consciente e inconsciente;
4. A subdivisão imagina o aparelho psíquico como composto por sistemas, de cujas relações falamos em termos de espaço, mas sem relação com a anatomia do cérebro;
5. Assim, Freud pensou - em sua primeira Tópica do aparelho psíquico elaborada em A Interpretação dos Sonhos (1900) que seria reelaborada mais tarde na Segunda Tópica nos anos 1920 - em três espaços onde os processos ocorrem dentro da psique humana: o Consciente (Cs), o Pré-consciente (Pcs) e o Inconsciente (Ics);
6. Esses três sistemas (Inconsciente, Pré-Consciente e Consciente) possuem suas três fronteiras (Censura/Recalque; Percepção-Consciência e Consciência) que organizam tanto o funcionamento normal (onde a repressão não causa sintoma) como o neurótico (onde a repressão causa sintomas, logo dores psíquicas);
7. Assim, o que Freud verifica em sua transição entre o método catártico (Estudos sobre Histeria com Breuer) e o método psicanalítico (a partir de A Interpretação dos Sonhos) é que o inconsciente é este lugar onde as pulsões e instintos (em certas leituras, essas palavras são sinônimas) operam buscando a realização de seu prazer ou acabam causando sintomas;
8. Na Primeira Tópica, esse prazer é diretamente vinculado à sexualidade e para a realização do desejo de vida (Princípio do Prazer), mas a leitura social da Segunda Tópica vê essas pulsões tanto como de desejo de vida como desejo de morte (Eros e Tânatos), podendo ser ampliados para outros campos para além da sexualidade em si;
9. Assim, Freud notou que o sintoma podia ser uma porta de entrada para o inconsciente;
10. Esse sintoma é nada mais que a realização de um desejo. O sonho é um sintoma, uma realização de um desejo que foi barrado, mas que no sonho pode existir impedindo que a neurose se torne algo que afete a vida do humano que sonha;
11. Freud encontrará outros sintomas que possuem o seu lugar na vida cotidiana, tais como o “ato falho” ou outros sintomas menores. No entanto, o sonho possui uma centralidade vital para a Psicanálise. Todo mundo sonha, mesmo se a sua dor psíquica não é evidente;
12. Por isso, Freud coloca a máxima de que os sonhos são a estrada real para o Inconsciente.

Na verdade, sem a descoberta da possibilidade de interpretação deles, sequer haveria Psicanálise;

13. Se pensarmos de uma maneira objetiva, o método freudiano de interpretar sonhos é posto em instrução bem simples: tomar cada elemento do sonho como ponto de partida para a associação livre para desemaranhar seu significado;
14. No entanto, para desemaranhar esses sonhos, Freud declara a necessidade de distinguir o que é manifesto pelo sonho e o que está escondido, latente;
15. Torna-se necessário entender como os sonhos são formados para a psicanálise: o famoso “trabalho do sonho”.
16. O “trabalho do sonho” para a Psicanálise não é a mesma concepção da explicação neurocientífica e médica de como sonhamos;
17. A psicanálise pensa, através do “trabalho do sonho”, na dinâmica do sonho na psique, na mente. A neurociência pensa o sonho pelo seu funcionamento cerebral. São duas visões distintas sobre a atividade onírica;
18. Na neurociência, o sonho se mistura com uma fase do funcionamento cerebral do sono: a REM (rapid eye movement, ou seja, movimento rápido ocular);
19. A primeira grande fase do sono se subdivide em três subfases de um adormecimento progressivamente mais profundo, chamadas em conjunto de sono não REM (NREM). A segunda grande fase - o sono REM - prevalece na parte final. Um ciclo completo de sono humano dura noventa minutos com uma sequência fixa de estados sucessivos: N1 -> N2 -> N3 -> sono REM, se repetindo até cinco vezes por noite;
20. Há neurotransmissores agindo para o funcionamento do sonho. A presença de dopamina, vinculado a questões de “desejar” algo, durante o sono REM prova cientificamente a afirmação de Freud de que nos sonhos realizamos desejos;
21. Tendo visto a visão neurocientífica do sonho, vamos compreender o que é para Freud “o trabalho do sonho”.
22. O sonho é um sintoma passível de análise que é gerado no conflito entre pulsão e resistência. Ele possui um conteúdo manifesto (o sonho em si) e um conteúdo latente (o desejo que a pulsão queria realizar) e a sua passagem pelo aparelho psíquico, especialmente para o Pré-consciente é o “trabalho do sono”;
23. Assim, o trabalho do sono é pegar o conteúdo latente (pulsional) e transformá-lo em manifestação (o sonho), sendo um sintoma passível de análise;
24. O trabalho do sonho é composto por quatro partes sucessivas: (1) Condensação, (2) Deslocamento, (3) Figurabilidade ou Simbolismo; e (4) Dramatização e/ou Elaboração secundária;
25. Não é um trabalho criador - quem cria os sonhos é o inconsciente pelas pulsões. É um

trabalho transformador, de latente para manifesto, sendo assim a essência do sonho essa transformação;

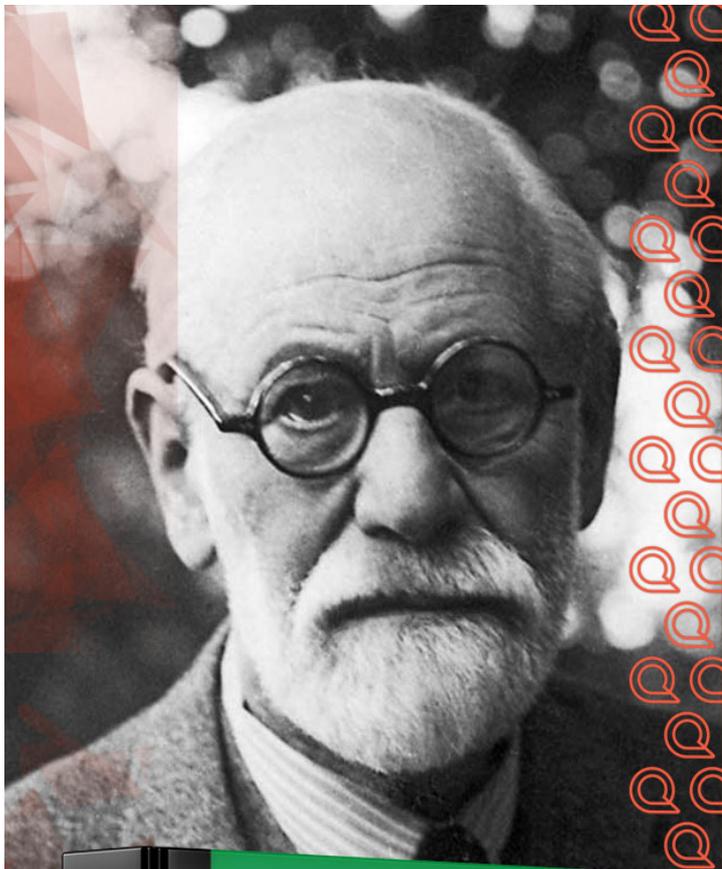
26. Enquanto condensação e deslocamento são mecanismos vistos em qualquer sintoma (atos falhos, devaneios, psicossomatizações corporais), a simbolização e a dramatização são próprias do sonho.
27. Podemos assim ver o “trabalho do sonho” como um fluxo que leva uma pulsão ter seu investimento de energia desmobilizado e, de certa forma, realizado.
28. Condensação, a primeira etapa, é reunir todos os pensamentos pulsionais do sonho latente em um ponto comum, nodal;
29. Deslocamento é pegar esse ponto nodal e retirar a força poderosa pulsional dele, tornando-o pacífico de ser trabalhado pelas duas próximas etapas, que funcionam como uma espécie de censura;
30. Simbolização busca transformar todos os conteúdos pulsionais, já condensados e deslocados e normalmente de origem sexual, em símbolos da cultura e do cotidiano;
31. Dramatização transforma esses símbolos em uma narrativa coerente, montando o sonho em si, chamado de “sonho manifesto”
32. Um dos equívocos mais comuns do psicanalista é interpretar o sonho - junto com o analisando na clínica - referenciando mais a dramatização do que a simbolização.
33. A dramatização deve ser considerada um primeiro véu a ser retirado para que, na clínica dos sonhos, estejamos diante dos símbolos, estes sim passíveis de análise e interpretação;
34. Nas Conferências Introdutórias da Psicanálise (1916-1917), há uma verdadeira aula de Freud sobre símbolos sexuais e não-sexuais que podem ser encontrados nos sonhos manifestos, indicando conteúdos latentes.
35. É importante deixar claro que essa relação de símbolos - apesar de ter sido construída a partir da pesquisa científica de Freud - não é uma regra geral. Cada sonho é um sonho da mesma forma que cada humano é único.
36. A ideia de Freud nas Conferências Introdutórias é mais inspirar e dar um embasamento do que dar um “manual de interpretação da simbologia dos sonhos”. Como a própria máxima psicanalítica diz, “às vezes, um cachimbo é apenas um cachimbo”.
37. Utilize a sistematização de Freud para sua formação e lembre-se sempre dos processos de livre associação e a dinâmica de fala e escuta na clínica psicanalítica.
38. No entanto, quando o assunto é Psicanálise e sonho, é impossível não falar de Carl Gustav Jung;
39. Mesmo que os consideremos fora da Psicanálise, os junguianos têm muito a oferecer neste campo pois a teoria de Jung é baseada na vivacidade dos sonhos;

40. Essa vivacidade dos sonhos para Jung funcionaria como conselheiros e mecanismos compensadores do ser humano, sendo diferente da visão de Freud;
41. Freud diz que o sonho é o papel de guardião do sono, impedindo a irrupção de impulsos reprimidos. Jung diz que o sonho compensa as visões limitadas do ego;
42. Na análise junguiana, o sonho é considerado um processo psíquico natural, regulador, análogo aos mecanismos compensatórios do funcionamento corporal.
43. O inconsciente contém material esquecido, além de material como os arquétipos (que são alimentados pelo inconsciente coletivo), que não podem, em princípio, ser conscientes, se manifestando assim no sonho.
44. Existem três maneiras possíveis de se ver o sonho como atividade compensatória: (1) compensação do ego, dirigindo o indivíduo a um entendimento mais abrangente das atitudes e ações (Brigar no sonho com alguém que você não conseguiu brigar enquanto acordado); (2) mensageiro do ego colocando o Eu face a face com a necessidade (Ter conselhos no sonho que duram por uma vida toda); e (3) sonho como tentativa para alterar diretamente a estrutura de complexos sobre os quais o ego arquetípico se apóia (Mudar comportamentos e, até mesmo, ter papel divinatório);
45. Para entender esse funcionamento de compensação do sonho para Jung, é necessário o arquétipo e o inconsciente coletivo, dois conceitos de Jung que não são utilizados por Freud e freudianos na Psicanálise;
46. Para Jung, uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é o inconsciente pessoal. Ele repousa sobre uma camada mais profunda, inata, chamada de inconsciente coletivo, isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento que são os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos, sendo um substrato psíquico comum para todos os seres humanos;
47. Neste substrato psíquico que é o inconsciente coletivo, atuam os arquétipos;
48. Os arquétipos são a outra face dos símbolos (que também são teorizados por Freud, sempre vinculado com o indivíduo que sonha), sendo uma função metafísica universal, não algo relacionado às vivências pessoais;
49. Não há uma lista de quantos arquétipos existem, sendo todos derivações de arquétipos anteriores que podem ser simbolizados diferentemente por cada indivíduo em suas narrativas (a fala na clínica) e sonhos;
50. A técnica junguiana para trabalhar os sonhos nessa sua vivacidade consiste em sessão de análise com uma metodologia em três passos progressivos;
51. O 1º passo seria, quando o analisando conta um sonho, questionar os detalhes exatos da lembrança dele;
52. O 2º passo seria buscar associações e ampliações do sonho em ordem progressiva em três níveis: pessoal (o que significa individualmente/conscientemente o sonho para pessoa), cultural (o que o sonho traz do entorno social e histórico da pessoa), arquetípico

- (aquilo que a pessoa não entende sobre seu sonho);
53. A ampliação é um termo original de Jung onde o uso de uma técnica de “comentários” - tal como o uso de associação de palavras ou “palavras indutoras” - por parte do analista buscando respostas do analisando poderia indicar padrões dentro de um sonho;
 54. Há analistas junguianos que trabalham no nível arquetípico do segundo passo com a imaginação ativa, outra técnica de Jung. A imaginação ativa é a base para uma série de “mentalizações” e metodologias de meditação (mindfulness, por exemplo) que psicoterapias fora da psicanálise freudiana usam. Ela consiste em solicitar que o analisando reentre em seu sonho através de sua imaginação e deve ser feita após treinamento específico do psicanalista;
 55. No 3º e último passo, já com o sonho ampliado, é trabalhado o sonho dentro da ideia da individuação do Eu, outro conceito de Jung;
 56. Jung compara a vida humana com o ciclo do dia. Existe a “manhã da vida” onde desenvolvemos o nosso eu consciente (ego) e nossas máscaras sociais de interação (persona) e há uma segunda fase, o “entardecer” que culmina no “pôr-do-sol” (a morte) onde começamos a apresentar certos desconfortos sobre o ego e a(s) persona(s) construídas;
 57. A individuação é a descoberta desse si-mesmo faltante no “ciclo de vida”, a integração dele na vida consciente e a busca, assim, de completude em vida do ser humano;
 58. Assim, a fase final da interpretação junguiana dos sonhos é a própria síntese da análise junguiana: usar o sonho para ajudar o analisando a se descobrir e sentir-se completo e aceito por si-mesmo.

5. Para saber mais

Nesta seção, há aqui algumas dicas de leitura e/ou para assistir para ampliar os seus conhecimentos nos assuntos tratados neste segundo módulo do seu curso de formação em Psicanálise no Instituto Brasileiro de Psicanálise (IBRAPSI). São livros do próprio Sigmund Freud, de psicanalistas, filósofos e artistas que versam sobre o estabelecimento dos primeiros conceitos psicanalíticos (especialmente o inconsciente), a relação clínica com o mundo dos sonhos, bem como formas de compreender a interpretação psicanalítica (clínica e aplicada), seja por freudianos ou por correntes tributárias da psicanálise, tal como a junguiana.



FREUD (1900) A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS: OBRAS COMPLETAS VOLUME 4

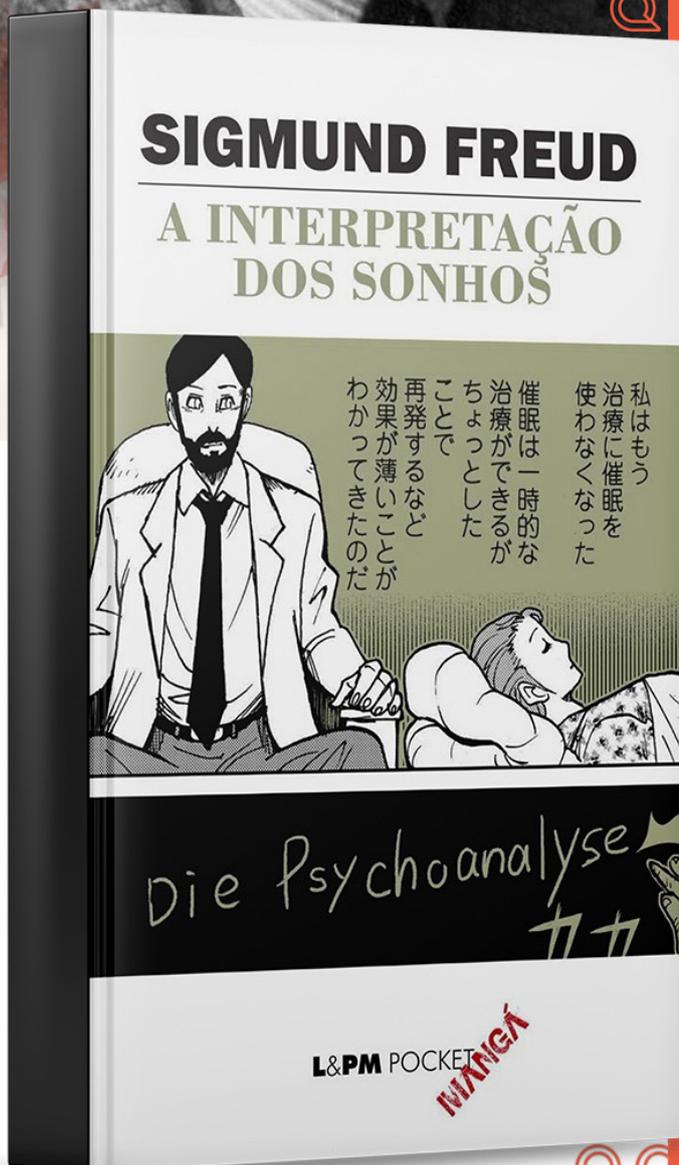
Sigmund Freud

A interpretação dos sonhos é o livro mais famoso do criador da psicanálise e lançou as bases do novo saber ao ser publicado, em 1900. A primeira edição de A interpretação dos sonhos foi lançada no final de 1899 (com data de 1900) numa tiragem de apenas seiscentos exemplares, que levaram oito anos para serem vendidos. Mais de um século depois, ele se tornou um dos livros mais influentes da época moderna, com incontáveis edições em dezenas de línguas. O livro se divide em sete grandes capítulos. No primeiro, Freud passa em revista toda a bibliografia sobre o tema, desde a Antiguidade. O segundo traz seu método de interpretação, com o exemplo do “sonho da injeção de Irma”. Analisando quase 50 sonhos próprios e centenas de sonhos relatados na literatura, Freud chega à conclusão de que o sonho é realização disfarçada de um desejo reprimido, muitas vezes de origem infantil. Isso constitui o tema dos três capítulos seguintes do livro. Já o capítulo 6 estuda os mecanismos que o “trabalho do sonho” utiliza para disfarçar ou deformar o desejo: a condensação e o deslocamento do material. Também as formas de representação com símbolos são abordadas. O último capítulo, o mais teórico, expõe a psicologia dos processos oníricos.”

A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS (POCKET MANGÁ)

Sigmund Freud

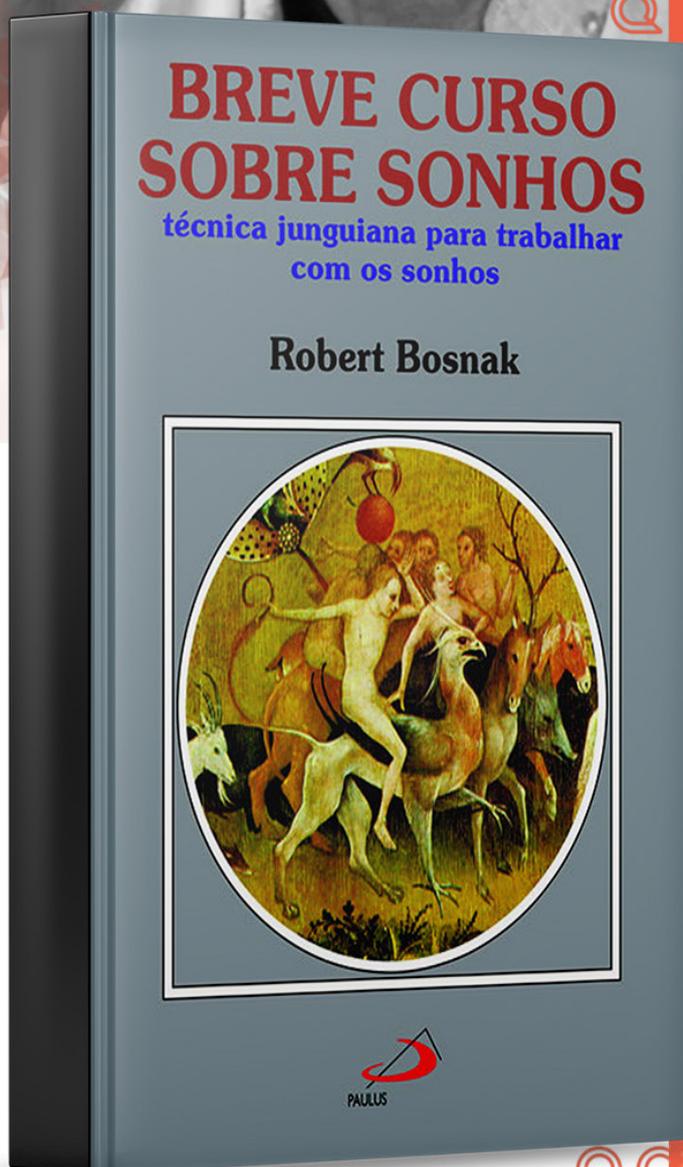
“Esta coleção traz para o leitor brasileiro os textos de grandes clássicos da literatura universal adaptados para a linguagem ágil e dinâmica dos mangás. Inventor da psicanálise, Sigmund Freud mudou para sempre a maneira de compreender a mente humana. Neste volume, baseado em 'A interpretação dos sonhos' (1899), na série de palestras que compõem a 'Introdução geral à psicanálise' (1917) e em 'O mal-estar na cultura' (1930), estão reunidas algumas das principais ideias do autor sobre a exploração do inconsciente e a vida em sociedade, além de passagens biográficas fundamentais para compreender um dos pensadores mais influentes e originais do último século.”

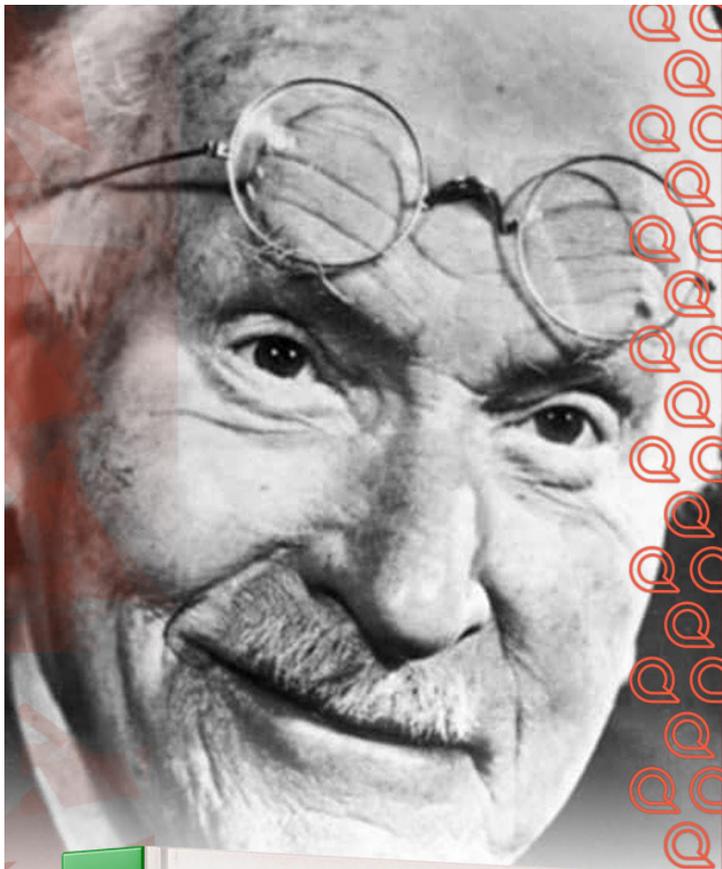


BREVE CURSO SOBRE SONHOS: TÉCNICA JUNGUIANA PARA TRABALHAR COM OS SONHOS

Robert Bosnak

“Os sonhos são, sem dúvida, o caminho régio para o mundo da alma. O autor ensina a recordar e registrar os próprios sonhos, a analisar a transcrição de um sonho, a estudar uma série de sonhos, a fim de descobrir o tema a eles subjacente, a usar as técnicas da imaginação ativa e da amplificação, a trabalhar sobre os sonhos sozinho, em casais, ou ainda em grupos.”

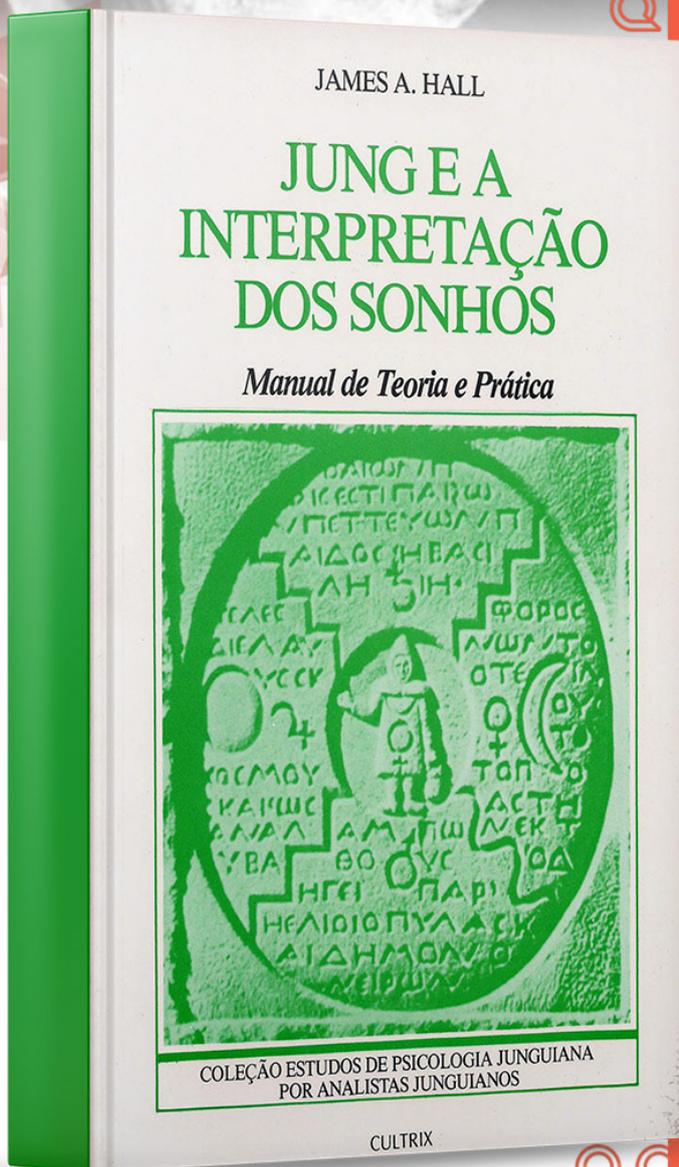




JUNG E A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS: MANUAL DE TEORIA E PRÁTICA

James A. Hall

“Os sonhos, chamados, por alguns, de língua esquecida de Deus e, por outros, de mensagens do demônio, durante muito tempo foram considerados bons ou maus presságios do futuro. A crença moderna, porém, de que estão diretamente relacionados com a psicologia de cada um e com as atitudes e os padrões de comportamento de quem sonha deve-se ao trabalho pioneiro do psiquiatra suíço C. G. Jung, que introduziu a ideia de que nos sonhos o inconsciente emerge de uma forma muito clara. Esse é um guia prático e abrangente para a compreensão dos sonhos com base nos princípios da Análise Psicológica de Jung. Aqui, o modelo da psique segundo Jung é discutido de forma concisa, com muitos exemplos clínicos de sonhos e do modo como eles podem ser interpretados em seu contexto. Atenção particular é dada aos temas comuns e repetidos nos sonhos (quedas, perseguições, casas, carros, mortes, mágoas, casamentos, o fim do mundo, os símbolos sexuais etc.), aos sonhos traumatizantes, à função intencional e compensatória dos sonhos, aos sonhos que prognosticam doenças ou mudanças físicas e ao modo como os sonhos estão relacionados com a etapa da vida e com o processo de individuação de quem sonha.”





QUEM É O SONHADOR QUE SONHA O SONHO? UM ESTUDO DE PRESENCAS PSÍQUICAS

James S. Grotstein

“Quem É o Sonhador que Sonha o Sonho?’ apresenta um relato claro, particular e individual das idéias teóricas e clínicas, pós-kleinianas, de James Grotstein, que se apóia no trabalho de Freud e Melanie Klein, desenvolvidos por Wilfred Bion. Escrito em um estilo fluido e vivo que facilita sua leitura, o livro é desafiador, informativo e provocante.”



O INCONSCIENTE EXPLICADO AO MEU NETO

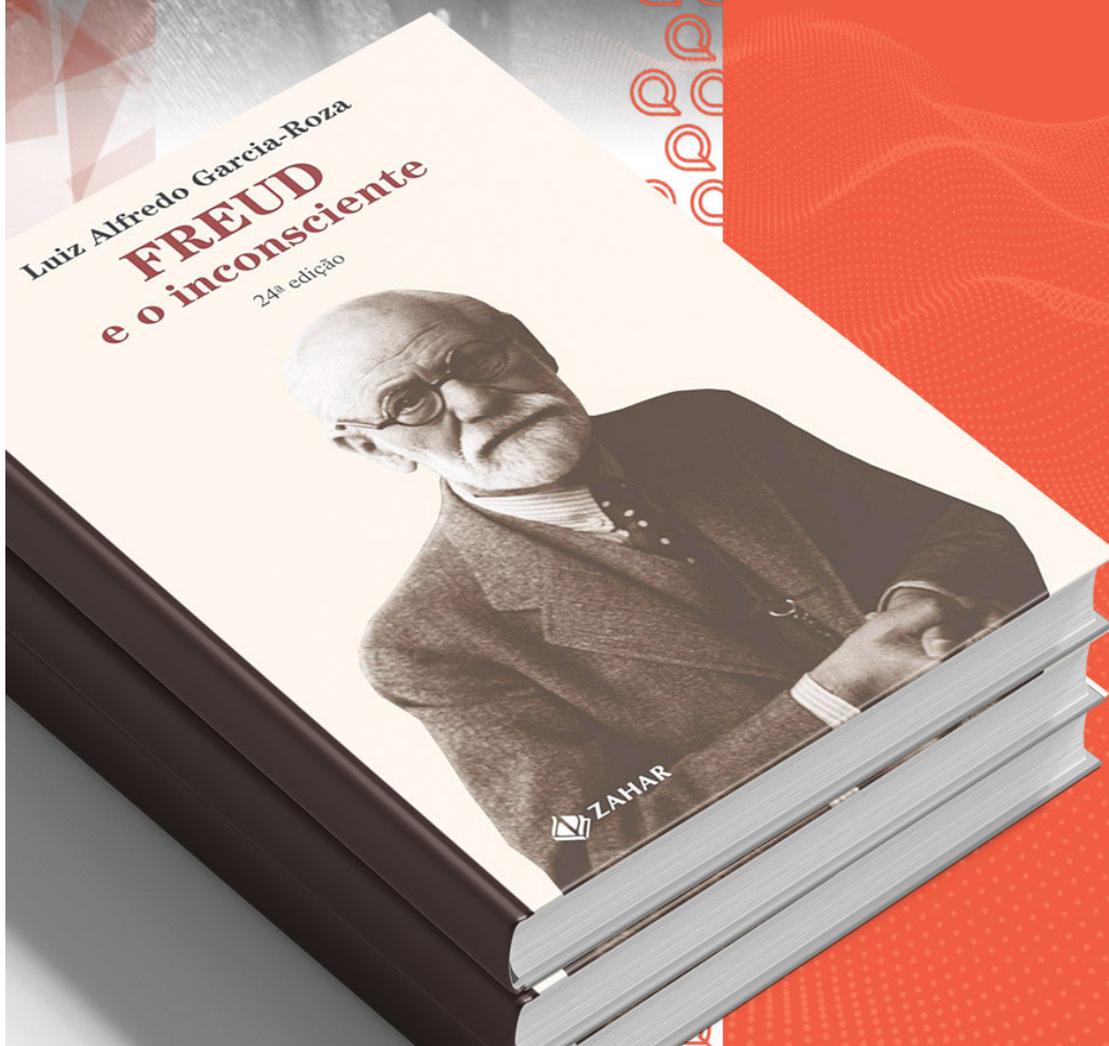
Elisabeth Roudinesco

“O que é, exatamente, o inconsciente? Ele se parece com um iceberg. [...] Imagine por um instante esse belo objeto inerte, com uma parte mergulhada na profundidade do oceano, enquanto a outra fica acima da superfície da água. As duas partes são diferentes: aquela invisível é mais importante do que a visível, e também mais perigosa, porque permanece encoberta. Todos os navegadores sabem disso. Eles temem muito mais o que está escondido do que o que está visível.” Star Wars, Titanic, o imaginário de contos e lendas, o sonho, o comportamento dos animais: é mergulhando no universo mental dos adolescentes de hoje que a mais conhecida especialista francesa em história da psicanálise confere substância a um elemento que, embora invisível, é determinante para nossa vida.”

FREUD E O INCONSCIENTE

Luiz Alfredo Garcia-Roza

“Em Freud e o inconsciente, o autor mostra inicialmente a articulação de certos fatores dos séculos XVIII e XIX que constituíram a precondição para o surgimento da psicanálise. Comenta em seguida os dois livros de Freud que se tornaram os pilares da teoria psicanalítica: A interpretação do sonho e Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Além disso, outros conceitos, desenvolvidos por Freud em obras posteriores, como pulsão e recalçamento, são também estudados em profundidade..”

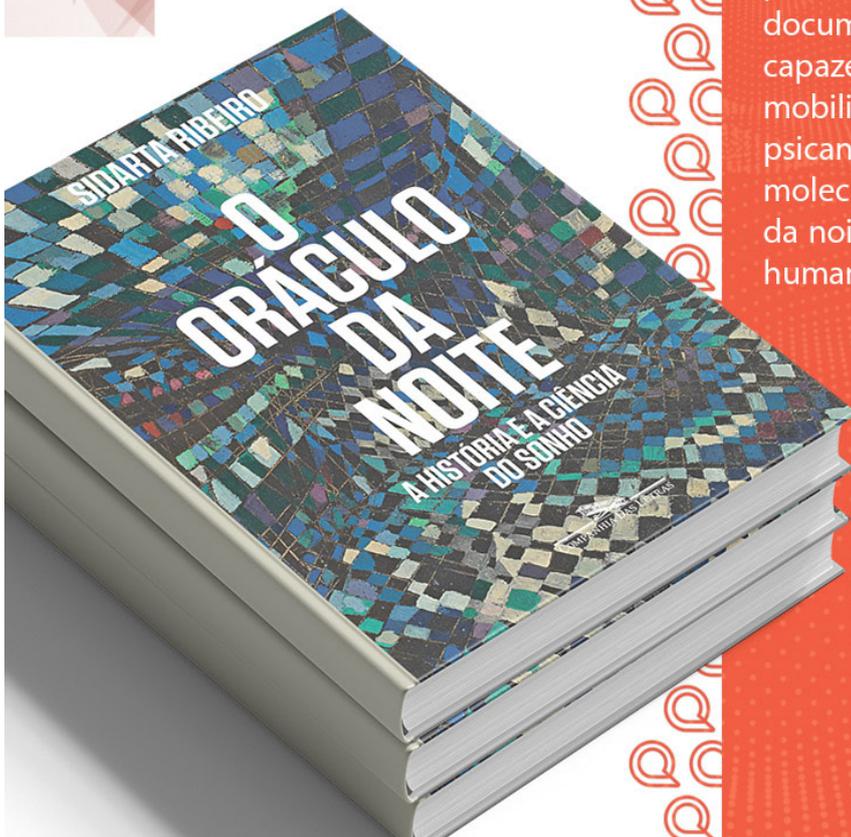




O ORÁCULO DA NOITE: A HISTÓRIA E A CIÊNCIA DO SONHO

Sidarta Ribeiro

“A partir de informações históricas, antropológicas, psicanalíticas e literárias, além das referências mais atualizadas da biologia molecular, da neurofisiologia e da medicina, o neurocientista compõe uma narrativa instigante sobre a ciência e a história do sonho. O que é, afinal, o sonho? Para que ele serve? Como extrair sentido de seus tantos símbolos, repletos de detalhes e significados? Neste livro, o renomado neurocientista Sidarta Ribeiro responde a essas e muitas outras questões sobre um dos grandes enigmas da humanidade ao recuperar narrativas literárias e históricas do mundo todo. Ele mostra como os sonhos eram importantes às civilizações antigas, como no Egito e na Grécia, situando-os no cerne da ciência e da política, ou como as culturas ameríndias preservam alguns dos exemplos mais bem documentados de profecias oníricas capazes de guiar povos inteiros. Ao mobilizar os principais debates da psicanálise, da medicina, da biologia molecular e da neurofisiologia, O oráculo da noite apresenta uma história da mente humana pelo fio condutor do sonho.”



7. Referências Bibliográficas

- BETTELHEIM, B. Freud & Man's Soul. London: Chatto & Windus, 1983.
- BOSNAK, R. Breve Curso Sobre Sonhos: Técnica Junguiana Para Trabalhar com os Sonhos. São Paulo: Paulus, 1997.
- DUFRESNE, T. (ed). Returns of the French Freud: Freud, Lacan, and Beyond. New York and London: Routledge Press, 1997, pp. 13–15.
- FREUD, S. Obras completas (20 volumes). São Paulo: Companhia das Letras, 2011-2021
- FLEM, L. La vie quotidienne de Freud et de ses patients. Paris: Hachette, 1986.
- GAY, P. The Bourgeois Experience Victoria to Freud - vol. II. New York: OUP, 1986.
- GAY, P. Lendo Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- GAY, P. Freud: Uma vida para o nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HALL, J. A. Jung e a Interpretação dos Sonhos: Manual de Teoria e Prática. São Paulo: Cultrix, 2007, p. 30-32.
- JACOBI, J. Complexo, arquétipos e símbolo na psicologia de C. G. Jung. Petrópolis: Vozes, 2016.
- JUNG, C. G. Aspectos do Drama Contemporâneo (Obra Completa vol. 10/2). Petrópolis: Vozes, 2011.
- JUNG, C. G. Aion: Estudo sobre o simbolismo do si-mesmo (Obra Completa vol. 9/2). Petrópolis: Vozes, 2013.
- JUNG, C. G. O Homem e seus Símbolos. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2016.
- JUNG, C. G. Os arquétipos e o inconsciente coletivo (Obra Completa vol. 9/1). Petrópolis: Vozes, 2019.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. Vocabulário de Psicanálise. São Paulo: Martins, 1996.
- PONTALIS, J. B.; MANGO, E. G. Freud com os escritores. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- QUINET, A. A Lição de Charcot. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- RIBEIRO, S. O oráculo da noite: A história e a ciência do sonho. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- STEIN, M. Jung: o mapa da alma. São Paulo: Cultrix, 2006.
- VENANCIO, R. D. O. Seleção Paulista dos Craques de Outrora: Arquétipos e roteiros de um radioteatro para storytelling de futebol. Amazon.com: KDP, 2020.
- VENANCIO, R. D. O. Psicanálise lê Shakespeare: Teatro e a Psique Humana em Freud, Jones, Lacan e Green. Amazon.com: KDP, 2021.